



revista

Número 4

Vocare

Revista de Teologia da UniFil



VOCARE

Revista de Teologia da UniFil

Reitor: Dr. Eleazar Ferreira

Editor Chefe: Emerson Mildenberg

Arte: Bruno Jorge

Capa: Raphael Tait e Marcos Garcia

Formatação: Graziela Cervelin

teologia@unifil.br

Vocare: Revista de Teologia da UniFil [recurso eletrônico] /
Centro Universitário Filadélfia - UniFil. - v.1, n.1 (2023)-
– Londrina: Ed. UniFil, 2024.

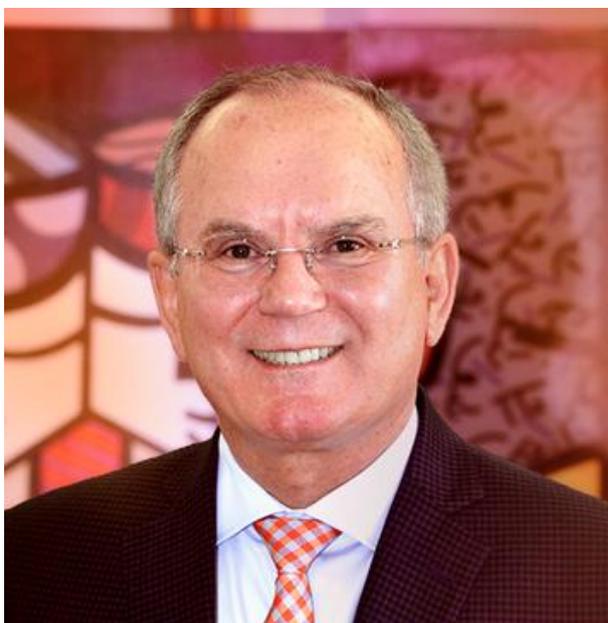
Semestral
Coordenação Emerson Mildenberg

1. Teologia - Periódicos. I. Centro Universitário Filadélfia. II. Mildenberg, Emerson, coord. III. Título.

CDD 200

Bibliotecária responsável Graziela Cervelin CRB9/1834

PALAVRA DO REITOR



Uma das formas predominantes de Teologia no cristianismo tem sido a Teologia como sabedoria, ou seja, *sapientia*. A UniFil se identifica com essa definição visto que é uma Instituição confessional e ao longo destes anos tem formado homens e mulheres apaixonados pelas Escrituras e pelo Reino de Deus.

No centro da Teologia que a UniFil viabiliza, está Jesus Cristo, mistério revelado como Sabedoria de Deus ao mundo. As Escrituras abrem para os

seres humanos a possibilidade de entendimento desta revelação de Deus em Cristo Jesus.

Destarte, a Revista Eletrônica de Teologia VOCARE da UniFil, é um espaço não somente para reflexão teológica, como também ao chamamento a esta *sabedoria* de Deus ao homem contemporâneo.

Nossa proposta é promover o saber e aprendizado com vistas a viver em consonância com princípios expostos nas Escrituras Sagradas, analisando-os com espírito de constatação da fé. Com esta perspectiva, desenvolvemos uma *práxis* transformadora que possibilita crescimento da fé cristã, liderança e pastoral da Igreja.

Faço votos que todos (as) os leitores (as) reúnam bons frutos dos trabalhos a título que cada vez mais, possamos ser instrumentos de transformação na sociedade.

Boa leitura!

Dr. Eleazar Ferreira
Reitor



EDITORIAL
Tema principal

Editorial

O conceito de "universo morto" e a ideia da criação do universo são temas fascinantes na cosmologia, na filosofia e na teologia. Esses conceitos lidam com questões fundamentais sobre o início e o destino final do cosmos, além de levantarem hipóteses sobre a vida, o tempo e a evolução cósmica.

Uma das teorias que procura explicar a criação do universo é a teoria do Big Bang, uma suposição que propõe que o universo começou a partir de um ponto extremamente denso e quente, cerca de 13,8 bilhões de anos atrás. Nesse momento, toda a matéria e energia do universo estavam concentradas em um único ponto. A explosão dessa singularidade marcou o início da expansão do universo e a criação do espaço e do tempo.

Logo após o universo passou por uma série de processos que levaram à formação de partículas subatômicas, átomos e, eventualmente, as primeiras estrelas e galáxias. A radiação de fundo cósmico, detectada hoje como um resíduo dessa grande explosão, é uma das principais evidências dessa teoria. Dentro destas conjecturas, cientistas afirmam que o universo, tal como o conhecemos hoje é dinâmico, com a formação de estrelas, galáxias e sistemas planetários. No entanto, à medida que o universo continua a se expandir, ele também está mudando de maneira que poderia levá-lo a um estado inerte. Entra em cena então, o conceito de "universo morto", o qual por seu turno, refere-se a uma fase futura do universo em que toda a atividade cosmológica cessará. Existem várias teorias sobre como o universo pode chegar a esse estado, sendo as principais, a morte térmica (grande congelamento), o Big Rip e o Big Crunch.

Do ponto de vista filosófico, sobre criação e o declínio da mesma, a noção de um universo morto levanta reflexões profundas sobre a natureza da existência, do tempo e do destino final de todas as coisas. Para muitas tradições filosóficas e religiosas, a criação do universo está vinculada à ideia de um começo com propósito, talvez impulsionado por uma força criadora divina. Nesse contexto, o universo pode ser visto como um ciclo de nascimento, crescimento e morte, semelhante ao ciclo de vida que observamos na natureza. Por outro lado, o conceito de um universo morto pode ser perturbador do ponto de vista existencial, pois sugere que tudo,

eventualmente, chegará ao fim, sem possibilidade de renovação. Essa visão sugere que o universo, com toda sua vastidão e complexidade, está em última análise destinado a um estado final de inércia e vazio. Se o universo está destinado a "morrer", um dos maiores mistérios é o papel da vida nesse processo. Em um cosmos em constante mudança, a vida é uma manifestação única de ordem e complexidade. A busca por vida extraterrestre e a tentativa de compreender as leis da física que governam o universo são, de certo modo, uma busca por entender nosso lugar dentro desse grande ciclo cósmico.

Em resumo, tanto a criação quanto o fim do universo nos desafiam a pensar sobre a origem e o destino de tudo o que existe. Enquanto a astrofísica tenta desvendar os mistérios físicos do cosmos, as reflexões filosóficas e teológicas nos convidam a questionar o significado mais profundo de nossa existência em um universo em constante transformação.

Nesta edição da revista de teologia VOCARE da UniFil, veremos como tema principal, seção DEBATE, o assentamento acadêmico e teórico intitulado: "ASTROFÍSICA DAS TREVAS: EXPLORANDO A TEORIA DO UNIVERSO MORTO E SUAS ORIGENS CÓSMICAS NA PERSPECTIVA DO GÊNESIS", sob a ótica do egresso Joel Almeida, que nos incentiva a pensar sobre esse fascinante tema que desafia tanto ciência quanto religião, a dialogarem sobre as grandes questões do universo e da existência humana.

Na seção "DIÁLOGOS CONTINGENTES", a estudante de Teologia da UniFil, Fabiane Pelegrine Mambrum, especialista em Direito e Processo do Trabalho, propõe o objeto pertinente de estudos e exploração de saberes, o artigo "A PALAVRA ETERNA, A ARCA DE NOÉ, E O REFÚGIO EM DEUS".

De imediato, concatenamos com a escrita da Pró reitora de graduação da UniFil, Profa Dra Anelise Franciosi sobre a temática, "A Fé e o Controle da Dor: Uma Análise da Influência da Espiritualidade na Percepção da Dor". Neste conteúdo, o/a leitor(a) será cativado pela influência da espiritualidade e sua intensidade por meio da forma que lida com a dor e, seu papel no que tange a percepção da dor em suas respectivas frentes. Leitura esplêndida!

Na seção "PASTORAL" temos o deleite de compartilhar da experiência traduzida num tom de cálamo prático, o artigo da pastora Bianca Toledo, cuja qual,



nos brinda com linhas intituladas, “O PROPÓSITO DIVINO DA MULHER”. A pastora Bianca Toledo, dentre outras concepções, promove a você, prezado (a) leitor (a) sobre o papel especial da mulher na criação do Autor da Vida nas frentes de fé, família e sociedade. Aprecie sem moderação!

Na seção “CONTRA PONTO”, quem nos regala com informes e sapiência, é o professor e gestor da rede de polos da UniFil EaD, Paulo Ricardo, que escreve sobre a “Conexão Digital e Desconexão Espiritual”, capturando uma tensão moderna entre o uso intenso da tecnologia digital e as práticas espirituais, bem como a sensação mais profunda de significado e propósito na vida. O contentamento é assegurado na leitura do seu artigo!

A revista de teologia VOCARE da UniFil, não poderia deixar de ressaltar sobre o setembro amarelo e outubro rosa, meses mundialmente marcados por ações afirmativas relacionadas à prevenção da vida e do diagnóstico precoce do câncer de mama, respectivamente, devidamente relacionados pelo professor e psicanalista do colegiado da UniFil, Silas Barbosa Dias.

Na seção “DAY OFF”, a VOCARE, prescreve o filme: “Eu Só Posso Imaginar” (2018 – dirigido por Andrew Erwin e Jon Erwin). Em sua sinopse verificamos que Bart Millard (J. Michael Finley) é o vocalista da banda cristã MercyMe e tem um relacionamento conturbado com seu pai, que sempre o tratou de maneira dura e nunca entendeu seu amor pela música. Conseguindo forças através de Deus, Bart resolve então eternizar sua relação em uma canção, “I Can Only Imagine”.

Apostar em morangos recheados com cheesecake, é ObaOba de primeira para sua noite em frente a TV. Bom filme!

O Conselho de Pastores de Londrina (CPEL) compartilha com o leitor sua agenda e compromissos em Londrina/PR para o segundo semestre.

Não perca a XXV Semana Acadêmica de Teologia que acontece entre os dias 28 a 30 de outubro.

A VOCARE deste semestre está intensa e provocativa. Só posso te desejar, boa leitura!

*Prof. Emerson Mildenberg
Coordenador do Curso de Teologia – UniFil*





SUMÁRIO

ii
kk
ii
hh
gg

ii
hh

\\ SUMÁRIO

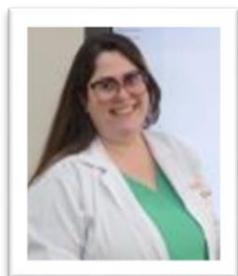
DIÁLOGOS CONTINGENTES

9



A PALAVRA ETERNA, A ARCA DE NOÉ, E O REFÚGIO EM DEUS

Fabiane Pelegrine Mambrum



A FÉ E O CONTROLE DA DOR: UMA ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE NA PERCEPÇÃO DA DOR

Anelise Franciosi

DEBATE

25



POLISSEMIA DO DISCURSO E O MIX DE CONHECIMENTOS: COMO ENCONTRA-SE A PREGAÇÃO NA IGREJA?

Joel Almeida



A LUTA PELA VIDA NO CONTEXTO DO SETEMBRO AMARELO

Silas Dias

OUTUBRO ROSA

Silas Dias

PASTORAL

67



O PROPÓSITO DIVINO DA MULHER *Bianca Toledo*

CONTRAPONTO

75



CONEXÃO DIGITAL E DESCONEXÃO ESPIRITUAL *Paulo Ricardo*

DAY OFF

81

CPEL - Conselho de Pastores de Londrina

83

XXV Semana Acadêmica de Teologia - UniFil

86



DIÁLOGOS CONTINGENTES

A PALAVRA ETERNA, A ARCA DE NOÉ, E O REFÚGIO EM DEUS

Fabiane Pelegrine Mambrum¹
Emerson Mildenberg²

RESUMO

O presente artigo apresenta um estudo acerca da tradução e do significado do vocábulo hebraico Teva(תֵּבָה). Referido termo consta da Bíblia hebraica, sendo traduzido como Arca, na história do dilúvio, sendo também retratado como Cesto, na história de Moisés. Faremos uma conexão entre esses significados e a tradução hebraica de Tevah como Palavra, constante da literatura rabínica judaica. Realizaremos um paralelo com a Nova Aliança e com o significado de Jesus para o cristianismo e a sua ligação com o milagre de Cristo caminhando sobre as águas, presente nos Evangelhos.

Palavras-chave: palavra; Deus; Jesus; arca; água; andar.

ABSTRACT

10

This article presents a study on the translation and meaning of the Hebrew word Teva(תֵּבָה). This term appears in the Hebrew Bible, being translated as Ark, in the story of the flood, and also portrayed as Basket, in the story of Moses. We will make a connection between these meanings and the Hebrew translation of Tevah as Word, contained in Jewish rabbinic literature. We will draw a parallel with the New Covenant and the meaning of Jesus for Christianity and its connection with the miracle of Christ walking on the water, present in the Gospels.

Keywords: word; God; Jesus; ark; water; walk.

1 INTRODUÇÃO

No início era o verbo e o verbo estava com Deus. No princípio, o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas e havia trevas sobre a face do abismo. No dilúvio, apenas a Arca de Noé permaneceu incólume, protegendo aqueles que estavam em seu

¹ Aluna do Curso de Bacharelado em Teologia – UniFil. Bacharel em Direito pela PUCRS. Especialista em Direito e Processo do Trabalho. Juíza Leiga no TJRS.

² Coordenador da Faculdade de Teologia – UniFil

interior. Na Nova Aliança, o verbo foi encarnado e tabernaculou entre nós. Ele caminhou sobre o mar, ensinando que a salvação da humanidade estava nele, em seu sacrifício na cruz. Assim como no Antigo Testamento, a continuidade da vida na terra foi propiciada por uma Arca, na Nova Aliança, a salvação da humanidade ocorreu através daquele que tinha o poder de andar sobre a face das águas. O nosso refúgio será sempre na Palavra de Deus, em Cristo Jesus!

2 DEUS CRIOU O MUNDO ATRAVÉS DA PALAVRA

A espiritualidade cristã tem como paradigma central a fé em Jesus Cristo, o filho de Deus, o nosso Senhor e Salvador. A Bíblia é clara ao afirmar que, no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus (João 1:1). Nos versículos seguintes, é mencionado expressamente que o Verbo se fez carne e tabernaculou entre nós (João 1:14).

O Deus Filho, o verbo que se fez carne, chamado de Jesus, o Cristo, é a própria manifestação física de Deus. É a encarnação da Palavra em meio aos homens. Os evangelhos ensinam que Jesus foi concebido pelo Poder do Espírito Santo, sem pecado, consubstanciando-se no primogênito de toda a criação. Em apocalipse 1:8 é dito que Jesus é o Alfa e o ômega, o princípio e o fim, aquele que é e que era, e que há de vir, o Todo Poderoso.

Fato é que a literatura cristã defende que o mundo, o universo e a vida na terra foram criados por Deus, através da Palavra. Em Hebreus 11:3 é dito que “pela fé compreendemos que o universo foi criado por intermédio da Palavra de Deus.”

Importante destacar que a cultura judaica, a qual foi o berço de Jesus, tinha por literatura sagrada a Torah, composta pelo Pentateuco, o qual é formado por cinco livros: Gênesis, Êxodo, Levítico, Deuteronômio e Números. Os escritos rabínicos atribuem a Moisés a autoria desses livros. Moshê Maimônides (considerado um dos mais famosos comentaristas judeus) afirma, na sua obra Mishnê Torá (considerada a mais conceituada e completa codificação da lei judaica) que a Torá foi dada a Moshê Rebênu

(Moisés em hebraico) por Deus³.

Manu Marcus Hubner⁴ ensina que, na tradição judaica, existem relatos, os quais conferem uma origem divina ao alfabeto hebraico. O autor menciona que no livro Yetsirá 2:2 é descrito que: “Vinte e duas letras: Deus as gravou, esculpiu, permutou, pesou, transformou, e com elas Ele descreveu tudo o que formou e tudo o que seria formado” (Kaplan, 2002, p. 126).

O autor ainda faz menção ao estudioso Ginzberg (2001, p. 195 e 228), o qual ensina que a Torá foi criada dois mil anos antes do mundo, e escrita com o alfabeto hebraico, conforme consta na introdução do livro Zohar. Ou seja, para o judaísmo místico, o alfabeto hebraico tem origem divina e tal constatação não se trata de mera crença, mas, sim, de plena convicção.

No mundo acadêmico e científico, há algumas teorias acerca da origem do alfabeto hebraico, sendo que a mais aceita é a de que o mesmo se originou do alfabeto fenício, o qual, por sua vez, derivou-se de antigos sistemas de escrita semítica.

A escritora Ada Yardeni, na sua obra *The Book of Hebrew Script*, ensina que a escrita alfabética teve sua origem no Oriente, no início do segundo milênio antes de Cristo. A escritora afirma que, nesse período, existiam dois grandes sistemas de escrita: o cuneiforme, na Babilônia e na Assíria, e o hieroglífico, no Egito. A escritora ainda menciona que há inscrições mais antigas em hieróglifos, as quais foram encontradas no Sinai, em um lugar chamado Serabit El-Hadim, as quais são datadas da primeira metade do segundo milênio antes de Cristo. Tais inscrições são chamadas de alfabeto protossinaítico ou protocananeu, cuja origem é incerta. Nesse sentido, há diversas teorias acerca da sua procedência, sendo que a mais aceita é a de que o alfabeto Protossinaítico é originário dos hieróglifos egípcios. A escritora arremata, por fim, que dentre as escritas alfabéticas lineares derivadas do proto-cananeu estão as escritas semíticas ocidentais (fenícia e seus descendentes), a escrita aramaica, a antiga escrita hebraica, a antiga escrita árabe, dentre outras.

Em suma, podemos destacar que o alfabeto paleo-hebraico ou hebraico antigo

³ CHABAD.ORG. Fundamentos. 13 Princípios. Disponível em:

https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/666842/jewish/13-Principios.htm. Acesso em: 17 set. 2024.

⁴ HUBNER. Manu Marcus. Alfabeto hebraico: Origem divina versus humana. 2021. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/cllh/article/view/53669>. Acesso em: 17 set. 2024.

foi influenciado pelo alfabeto fenício. No século VI antes de Cristo, com o exílio na Babilônia, os judeus tiveram contato com o Aramaico, passando a utilizar esse alfabeto. Assim, o alfabeto aramaico tornou-se base para a evolução do alfabeto hebraico quadrado, o qual consta de manuscritos bíblicos, dentre eles, alguns manuscritos do Mar Morto.

A grande verdade é que o alfabeto protossinaítico ou protocananeu tinha um caráter pictográfico. Ou seja, as cenas, os desenhos ou símbolos significavam ideias. Nessa seara, surge a teoria do hebraico pictográfico, a qual defende que o paleo-hebraico era originalmente pictográfico. Por exemplo, a primeira letra do Alfabeto hebraico, o Alef (א) seria o pictograma de uma cabeça de um boi, o que simboliza a força, a liderança, ou até mesmo, o início de tudo, Deus. Por sua vez, a segunda letra, o Bet (ב), simboliza uma casa, a criação de Deus, o lar. Ou seja, cada letra, além de representar um som, também traz consigo um simbolismo espiritual, uma mensagem dos céus, a qual possui significados ocultos nas próprias letras do alfabeto. Seria a maneira oculta de Deus de se manifestar aos homens. Desvendar o significado espiritual das letras seria o mesmo que decifrar os códigos secretos da criação.

13

O fato é que a maioria dos manuscritos bíblicos mais antigos estão em hebraico, sendo que os autores de tais livros eram hebreus e judeus, cuja língua mãe era o hebraico. Nesse sentido, faz-se necessário entender esse idioma e a cultura judaica para que se consiga ter acesso ao real significado dos textos bíblicos e a sua correta tradução para o português. Isso porque é através da Palavra de Deus, expressa e condensada na Bíblia, e manifestada em Cristo Jesus, que conseguiremos entender o propósito da vida dos homens na terra.

3 A PALAVRA ETERNA, A ARCA DE NOÉ, E O REFÚGIO EM DEUS

A partir do capítulo 5 do livro de Gênesis, conhecemos a história de Noé. Assim que Lameque gerou a Noé, foi dito que esse serviria de consolo acerca de nossas obras e do trabalho de nossas mãos, por causa da terra que o Senhor amaldiçoou. Ou seja, Noé faria jus ao significado do seu próprio nome, o qual pode ser traduzido como alívio, descanso e conforto em hebraico.

O fato é que a terra estava corrompida pelo pecado do homem. A maldade

havia se multiplicado, pois o coração dos seres humanos era totalmente perverso. Deus arrependeu-se de ter feito o homem. Assim, decidiu destruir toda a vida na terra, através de um dilúvio de águas. No entanto, Noé achou graça aos olhos de Deus, pois era um justo. Então, o Senhor ordenou a Noé que ele construísse uma arca, estabelecendo uma aliança. Foi ordenado que Noé, a sua esposa e filhos entrassem na Arca, juntamente com dois animais de cada espécie, macho e fêmea, para que fossem conservados com vida dentro da Arca.

Então, o dilúvio veio sobre a terra, tendo durado 40 dias. Em Gênesis, capítulo 7:18, é dito que a Arca andava sobre a face das águas. Com o dilúvio, toda a vida na terra foi destruída, com exceção daqueles que estavam dentro da Arca, com Noé e a sua família. No sétimo mês, no dia 17 do mês, sobre os montes de Ararate, a Arca repousou. Por fim, no capítulo 9 de Gênesis, é dito que Deus fez uma aliança com Noé, o abençoou e disse-lhe: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra. E assim, a vida, através de Noé e seus descendentes, continuou sobre a terra.

É de extrema importância o entendimento dessa história bíblica. É necessária a interpretação da mensagem de Deus, contida nessa narrativa, para que possamos extrair o correto significado das palavras do Eterno. A Doutora Rachel Elior⁵ afirma que *“Não há e nunca houve só uma abordagem exegética da revelação divina. A sagrada tradição das Escrituras, atribuída à revelação divina, foi interpretada e reinterpretada de muitas maneiras diferentes ao longo da história.”*

14

Ou seja, tanto a tradição rabínica judaica, como estudiosos e religiosos cristãos vêm tentando fazer uma exegese acerca dos textos e das mensagens bíblicas ao longo da história da humanidade. Um bom exemplo acerca disso é o significado da Palavra Arca, contido na Bíblia Hebraica. A Palavra Arca, em seu texto original, está escrita em hebraico e pode ser transliterada como TEVAH (תֵּבָה). Ela é formada por três letras hebraicas, o Tav, o Beit e o Hei. Em verdade, ao longo de todos os textos bíblicos, essa palavra Tevah aparece apenas duas vezes: uma no livro de Gênesis, sendo traduzida como Arca, e outra no livro de Êxodos, sendo traduzida como Cesto. Ou seja, a mesma palavra que foi utilizada para a Arca de Noé, foi utilizada como o Cesto

5 ELIOR, Rachel. *E farás uma janela para a arca* – Língua, memória e cultura como uma ponte entre o leitor secular e a “biblioteca” judaica. 2012. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/26234>. Acesso em: 17 set. 2024.

que escondeu e carregou o bebê Moisés sobre as águas do Rio Nilo.

A grande surpresa (para que aqueles que se debruçam no estudo do idioma hebraico) é que o vocábulo *Tevah* (תֵּבָה), em hebraico, não significa apenas arca, cesto ou caixa. *Tevah* também pode ser traduzido como Palavra! No artigo intitulado *Noé, a maravilhosa história da arca*⁶, o autor Cefas 1972, ensina que há expressões em hebraico que confirmam essa tradução. A título de exemplo, cita o dito em hebraico *rashe tevot* (cabeça de palavras) muito comum para designar acrônimos. Cita ainda a expressão talmúdica *tevá bat shte otiot* (uma palavra de duas letras). Por fim, arremata ensinando que o fundador do hassidismo, o Rabi Baal Shem Tov, propôs a partir da polissemia do vocábulo *Tevah*, uma interpretação original do episódio do dilúvio: *“Para escapar do caos, da pilhagem, da violência e da corrupção, hamas (het-mem-sameh), (Gn 6,18), não se trataria de entrar num barco, e sim de penetrar na “palavra”, na construção de uma nova linguagem, de uma outra língua”*.

Por sua vez, o Rabino Jonathan Sacks⁷, no artigo *A Luz na Arca*, refere que, ao longo da história bíblica, *Tevah* significou Arca, no caso da história de Noé. Significou Cesto, no caso da narrativa do bebê Moisés, mas geralmente tem significado de Caixa. No entanto, na época do Midrash, *Tevah* também passou a significar Palavra. Por sua vez, o estudioso Chaim Bentorah⁸, no artigo intitulado *Hebrew Word Study – Ark- Tevah* תבה, aduz que professores judeus ensinam que uma outra definição para *Tevah* é palavra. Nesse sentido, o autor refere que a Arca de Noé, na verdade, representa a própria Palavra de Deus.

Logo, a tradução de que o vocábulo *Tevah* significa Palavra é originária da exegese de Rabinos Judeus. Carrega consigo uma interpretação mais profunda e simbólica das Escrituras Sagradas. A ideia é de que, em meio ao caos que o dilúvio das águas causa, a única fonte de refúgio e salvação se encontra dentro da própria

6 CEFAS. *Noé, a maravilhosa história da Arca*. 2007. Disponível em: <https://pedrojoemyblog.wordpress.com/2007/05/02/noe-a-maravilhosa-historia-da-arca/>. Acesso em: 17 set. 2024.

7 SACKS, Jonathan. *The light in the Ark*. 2019. Disponível em <http://www.sinagogadeipanema.com.br/sermon/noach-5/#:~:text=Ao%20longo%20da%20era%20b%3%ADblica,geralmente%2C%20significa%20%E2%80%9Ccaixa%E2%80%9D>. Acesso em: 17 set. 2024.

8 BENTORAH. Chaim. *Hebrew Word Study – Ark- Tevah*. 2021. Disponível em <https://www.chaimbentorah.com/2021/11/hebrew-word-study-ark-tevah-%D7%AA%D7%91%D7%94/>. Acesso em: 17 set. 2024.

Palavra de Deus, a qual é vista como um recipiente, uma caixa de proteção física e espiritual contra a violência das águas.

É interessa ressaltar que, logo no início da Bíblia, no capítulo 1 de Gênesis, é dito que: *“No princípio criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.”* Ou seja, assim como no princípio, o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas, na narrativa do dilúvio, a Arca de Noé também andava sobre as águas. A mensagem é bastante clara: apenas a Palavra de Deus é capaz de permanecer acima das águas, da destruição e da violência. Não há outro refúgio ou salvação a não ser em Deus.

O paralelo que se faz com o Novo Testamento é de que Jesus é o próprio verbo encarnado, que se fez carne e caminhou entre nós. O milagre de Jesus andando sobre as águas, o qual consta dos Evangelhos de [Mateus 14:22–33](#), [Marcos 6:45–52](#) e em [João 6:16–21](#), é a constatação de que Jesus é a Palavra! A narrativa conta que os discípulos de Jesus estavam em um barco, atravessando o Mar da Galileia. A embarcação foi pega por uma tempestade, com fortes ventos, ocasião em que os discípulos ficaram com muito medo. Até que, de repente, viram Jesus caminhando sobre as águas, o qual deu ordem para que o mar e a tempestade se acalmassem. A narrativa de Mateus conta que Pedro tentou caminhar sobre as águas para ir até Jesus, tendo perdido o controle e sendo salvo por Cristo. A mensagem continua sendo a mesma: a salvação está em Cristo! O único meio de se manter a salvo das águas é manter os olhos e o foco em Cristo Jesus!

A plenitude dos tempos consubstanciou-se em Cristo. Jesus é o pão da vida e quem bebe das suas águas, jamais terá sede. Ele é caminho, a verdade e a vida. A luz em meio à escuridão e às trevas do mundo. Isso posto, concluímos que Jesus é o nosso guia, a nossa Palavra, a nossa Arca, o nosso refúgio em meio à força truculenta das águas. Aqueles que mantêm os seus olhos em Cristo não temem e nem sucumbem ao dilúvio; aqueles que estão em Jesus caminham sobre a face das águas em direção à vida Eterna propiciada pelo Criador.

Baruch Hashem, Bendito seja o nome de Deus! | ברוך השם |

4 CONCLUSÃO

Os olhos de um cristão devem estar sempre mirados em Cristo Jesus. A nossa salvação será sempre na Palavra de Deus, consubstanciada na Bíblia. Nesse sentido, concluímos que é deveras importante o estudo das escrituras em seus idiomas originais. É através da análise da etimologia das palavras que iremos entender o real significado da mensagem do Senhor de Israel.

Assim como, no princípio de toda a criação, o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas, a Arca de Noé também navegou sobre as mesmas, durante o dilúvio, guardando e protegendo em seu interior a vida e a criação de Deus. Na nova aliança, a Palavra de Deus é encarnada em Jesus. Aqueles que caminham em Cristo não temem a fúria das águas ou do dilúvio, pois, como discípulos do nazareno têm acesso às portas da imortalidade e encontram a salvação!

17

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada. ed. rev. e atual. no Brasil. [S.l.]: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
ODUM, E. P. **Ecologia**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BENTORAH, Chaim. **Hebrew Word Study – Ark- Tevah**. 2021. Disponível em: <https://www.chaimbentorah.com/2021/11/hebrew-word-study-ark-tevah-%D7%AA%D7%91%D7%94>. Acesso em: 17 set. 2024.

SACKS, Jonathan. **The light in the Ark**. 2019. Disponível em: <http://www.sinagogadeipanema.com.br/sermon/noach-5/#:~:text=Ao%20longo%20da%20era%20b%C3%ADblica,geralmente%2C%20significa%20%E2%80%9Ccaixa%E2%80%9D>. Acesso em: 17 set. 2024.

CEFAS. **Noé, a maravilhosa história da Arca**. 2007. Disponível em: <https://pedrojoosemyblog.wordpress.com/2007/05/02/noe-a-maravilhosa-historia-da-arca/>. Acesso em: 17 set. 2024.

ELIOR, Rachel. **E farás uma janela para a arca**: Língua, memória e cultura como uma ponte entre o leitor secular e a “biblioteca” judaica. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/26234>. Acesso em: 17 set. 2024.

CHABAD.Org. Fundamentos. 13 Princípios. Disponível em:

https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/666842/jewish/13-Principios.htm. Acesso em: 17 set. 2024.

HUBNER, Manu Marcus. **Alfabeto hebraico**: Origem divina versus humana. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cllh/article/view/53669>. Acesso em: 17 set. 2024.

A FÉ E O CONTROLE DA DOR: UMA ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE NA PERCEPÇÃO DA DOR

Anelise Franciosi

RESUMO

A dor vai além de um sintoma, pode incapacitar o indivíduo, e é por isso que tem sido estudada a fundo. Este artigo explora a relação entre a fé e o controle da dor, examinando como as crenças religiosas e espirituais podem influenciar a percepção e o gerenciamento da dor. A análise é baseada em uma revisão de literatura que inclui estudos acadêmicos e perspectivas teóricas sobre o papel da espiritualidade no tratamento da dor. Através deste estudo, foi possível concluir que a fé desempenha um papel significativo no controle da dor, oferecendo suporte psicológico e emocional ao indivíduo.

Palavras-chave: fé; dor; espiritualidade; controle da dor; percepção da dor.

1 INTRODUÇÃO

19

A dor é um dos principais fatores que leva a população à procura por cuidados em saúde, responsável por aproximadamente 50% das consultas na saúde primária, sendo que 20% destas representam as consultas por motivo de dor crônica (FMUL, 2011).

Por vezes, a dor não se estende apenas ao físico e não está ligada apenas a lesão em si, uma vez que é possível a progressão da dor mesmo com o cessar do estímulo doloroso ou após a erradicação da lesão. Por este motivo, a dor passou a ser entendida como uma doença e não somente como um sintoma, demonstrando a necessidade de seu tratamento. A dor é uma experiência universal que pode ter um impacto significativo na qualidade de vida de um indivíduo.

O processo de dor pode ser classificado de várias formas, dificultando muitas vezes o seu diagnóstico e, por conseguinte, o tratamento. O controle da dor tem sido um foco importante de pesquisas médicas e psicológicas, e a espiritualidade emerge como um fator influente na forma como a dor é percebida e gerenciada. Este artigo explora como a fé pode influenciar o controle da dor, oferecendo uma visão sobre

como as crenças espirituais e religiosas podem modificar a percepção da dor e contribuir para estratégias de manejo.

2 A RELAÇÃO ENTRE FÉ E PERCEPÇÃO DA DOR

Apesar de ser mencionada como um obstáculo para o desenvolvimento do homem (Kardec, 2002), a dor é positiva, pois demonstra a necessidade de evolução do corpo ao combate do sintoma. Segundo Denis (2000), pelo conceito espiritual, a dor é vista como um processo para a purificação e resignação.

Alguns estudos tem demonstrado a relação entre fé e percepção da dor. Os mesmos sugerem que crenças religiosas podem influenciar tanto a experiência quanto a expressão da dor. Segundo Koenig e colaboradores (2012), a espiritualidade pode oferecer suporte emocional e psicológico que ajuda a mitigar a intensidade da dor. A crença em um propósito divino ou em um plano maior pode proporcionar uma perspectiva diferente sobre a dor, ajudando os indivíduos a enfrentá-la com maior resiliência (Koenig *et al.*, 2012).

20

Estes estudo são em sua maioria baseados nas abordagens teóricas que buscam explicar a percepção da dor, como por exemplo o Modelo Biopsicossocial da Doença de Engel (1992); a teoria do Portão de Controle da Dor de Melzack e Wall (1965); a Teoria Neuromatrix da Dor de Melzack (1999) e ainda o Modelo Biopsicossocial-Espiritual de Sulmasy (2002).

O modelo de Engel (1992) busca entender o indivíduo dentro do contexto biológico, psicológico e social, compreendendo as interações entre o ser humano e o ambiente, e por isso, facilita a abordagem para o tratamento das doenças e da dor pelo cunho médico. Através deste modelo é possível compreender que o indivíduo pode relatar a dor mesmo na ausência de alterações fisiopatológicas (Wachholtz; Pearce; Koenig, 2007).

Já a teoria do Portão de Controle da Dor de Melzack e Wall (1965) e a teoria Neuromatrix da Dor de Melzack (1999) demonstram a relação entre os fatores psicológicos e biológicos envolvidos na dor. Estes autores relatam que a dor vai além do que uma simples transmissão de sinal entre a medula espinal e o cérebro, afirmando que existem vias múltiplas neste caminho, envolvendo a cognição e a

emoção, o que explica o fato do aumento ou diminuição da experiência real de dor (Wachholtz; Pearce; Koenig, 2007).

O Modelo Biopsicossocial-Espiritual de Sulmasy (2002) reconhece o potencial da espiritualidade na modulação da experiência biológica da dor. A espiritualidade e as variedades religiosas são vistas como um recurso poderoso para alterar a resposta do paciente à dor (Wachholtz; Pearce; Koenig, 2007).

3 MECANISMOS PSICOLÓGICOS E ESPIRITUAIS NO CONTROLE DA DOR

Como pode o espiritual e psicológico influenciar no controle da dor? Pois é, para tanto, estudam-se mecanismos complexos pelos quais a espiritualidade age a favor do controle da dor. Entre os principais estão o suporte social, a redução do estresse e a mudança na percepção da dor.

3.1 Suporte Social e Espiritual

21

A prática religiosa frequentemente envolve a participação em comunidades de fé, que oferecem suporte social e emocional. Esse suporte pode ser vital para o manejo da dor, proporcionando um senso de pertencimento e solidariedade. O suporte social tem sido associado à diminuição do estresse e à melhoria da saúde física e mental (Pargament, 1997).

Grupos de apoio e a presença de uma rede de suporte espiritual, e a crença em um agente superior podem fornecer uma forma de resiliência emocional, permitindo que os indivíduos enfrentem a dor com mais coragem e menos sofrimento (Mcmullen, 2008).

3.2 Redução do Estresse

O estresse é um fator conhecido por exacerbar a dor. Práticas espirituais como a meditação e a oração têm sido associadas à redução do estresse e ao aumento do bem-estar geral. Esses métodos podem ativar a resposta de relaxamento do corpo, reduzindo a produção de hormônios do estresse e modulando a percepção da dor. A

fé oferece uma sensação de controle e esperança, que são fundamentais para a regulação emocional (Pargament, 1997).

3.3 Mudança na Percepção da Dor

A espiritualidade pode alterar a forma como a dor é percebida e interpretada. A crença em um propósito divino ou em um plano maior pode ajudar os indivíduos a recontextualizar sua experiência de dor, permitindo-lhes vê-la como parte de uma jornada maior ou como uma oportunidade de crescimento pessoal. Pargament (1997) sugere que essa mudança na percepção pode resultar em uma menor intensidade de sofrimento e em uma maior capacidade de enfrentamento.

3.4 Alteração da Resposta Neurobiológica

A pesquisa indica que a oração e a meditação, práticas comuns em muitas tradições religiosas, podem modificar a resposta neurobiológica à dor. Estudos de neuroimagem mostram que tais práticas podem alterar a atividade em áreas do cérebro relacionadas à percepção da dor (Goldman *et al.*, 2009).

22

4 EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS E ESTUDOS DE CASO

Existem evidências sobre a eficácia da espiritualidade no manejo da dor. Como mencionado anteriormente, a presença de crenças espirituais fortes e o envolvimento em atividades religiosas foram associados a uma maior resiliência e capacidade de lidar com a dor. Corroborando com esta relação, o estudo realizado por Mulsow e Rogers (2005), evidencia que pacientes com dor crônica que se envolveram em práticas religiosas regularmente relataram uma percepção reduzida da dor e uma melhoria no bem-estar geral.

Outro estudo significativo de Carlson e colaboradores (2003) analisou a influência da espiritualidade na qualidade de vida de pacientes com câncer. Os resultados mostraram que a espiritualidade e as práticas religiosas estavam associadas a uma redução na dor e uma melhoria na saúde mental dos pacientes.

Estes achados sugerem que integrar práticas espirituais no tratamento de pacientes com dor crônica pode ser benéfico, diminuindo a percepção da dor e melhorando a qualidade de vida dos pacientes.

Um estudo conduzido por Vargovich e colaboradores (2017), foi observado que pacientes que participaram de atividades religiosas relataram uma diminuição significativa na intensidade da dor comparados a aqueles que não participaram (Vargovich *et al.*, 2017).

5 IMPLICAÇÕES CLÍNICAS E FUTURAS PESQUISAS

A incorporação da espiritualidade no tratamento da dor pode ter implicações significativas para a prática clínica. Diante deste fato, ignorar a espiritualidade dos pacientes pode atrasar o tratamento, portanto é importante que os profissionais de saúde incorporem a espiritualidade como um fator potencial na gestão da dor. A implementação de abordagens que incluam aspectos espirituais pode enriquecer as estratégias de manejo da dor e melhorar a qualidade de vida dos pacientes.

23

Além disso, mais pesquisas são necessárias para entender completamente os mecanismos pelos quais a fé influencia o controle da dor. Estudos futuros podem focar em diferentes tradições religiosas e suas respectivas práticas para avaliar como cada uma pode contribuir para a gestão da dor de maneira distinta.

6 CONCLUSÃO

A fé desempenha um papel significativo no controle da dor, oferecendo suporte psicológico e emocional que pode alterar a percepção e a intensidade da dor. As práticas religiosas e espirituais, como oração e meditação, têm mostrado potencial na redução da dor e na melhoria da qualidade de vida dos pacientes. A integração de aspectos espirituais nas abordagens de tratamento da dor pode proporcionar benefícios adicionais e merece consideração na prática clínica.

REFERÊNCIAS

CARLSON, L. E., et al. Spirituality and cancer care: A review of the literature. **Journal of Clinical Oncology**, v. 21, n. 4, p. 866-873, 2003.

DENIS, L. **Depois da morte**: explicação da doutrina dos espíritos. Tradução Maria Lúcia Alcântara de Carvalho. 1. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2000.

ENGEL, G. L. How much longer must medicine's science be bound by a seventeenth century world view? **Psychotherapy and Psychosomatics**, 57, 3-16, 1992.

FMUL. CEMBE da FMUL - NOC da Dor Neuropática Localizada. **DOR**, v.19, p.6–48, 2011.

GOLDMAN, R. L.; LEWIS, P.; GORDON, D. J. The Role of Religion in Pain Management: A Neurobiological Perspective. **Journal of Pain Research**, v. 12, p. 123-134, 2009.

KARDEC, A. **A Gênese**. Tradução de Salvatori Gentile. Revisão de Elias Barbosa. 28.ed. Araras, São Paulo: IDE, 2002.

KOENIG, H. G. *et al.* **Handbook of religion and health**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2012.

24

MELZACK, R.; WALL P. D. Pain mechanisms: a new theory. **Science**, 150, 971–979, 1965.

MELZACK, R. From the gate to the neuromatrix. **Pain**, 6, p. 121–126, 1999.

MULSOW, M.; ROGERS, C. The role of religious coping in the management of chronic pain: A study of cancer patients. **Journal of Pain and Symptom Management**, v. 30, n. 5, p. 453-462, 2005.

PARGAMENT, K. I. **The psychology of religion and coping**: Theory, research, practice. New York: Guilford Press, 1997.

SULMASY, D. P. A biopsychosocial-spiritual model for the care of patients at the end of life. **The Gerontologist**, 42, 24–33, 2002.

VARGOVICH, J. A.; HERNANDEZ, D.; THOMAS, G. Religious Practice and Pain Management: Evidence from Clinical Trials. **Pain Medicine**, v. 18, n. 4, p. 678-684, 2017.

WACHHOLTZ, A. B.; PEARCE, M. J.; KOENIG, H. Exploring the relationship between spirituality, coping, and pain. **Journal Behaviour Medicine**, 30, 311– 8, 2007.



DEBATE

**ASTROFÍSICA DAS TREVAS:
EXPLORANDO A TEORIA DO UNIVERSO MORTO E SUAS ORIGENS
CÓSMICAS NA PERSPECTIVA DO GÊNESIS**

Joel Almeida⁹
Emerson Mildenberg¹⁰

RESUMO

Este artigo explora a teoria do 'universo morto' como uma nova interpretação para a origem e evolução do universo, sugerindo que o nosso cosmos pode ter se originado dos restos de um universo anterior que era morto em sua origem, mas também um universo imensamente maior e já morto não no sentido de morte estelar, mas em sua natureza primordial de ausência de luz. Enquanto isso, ao sofrer em um caos, a luz, que não era um padrão nesse universo, revelou-se como uma anomalia cósmica que, como resultado, nos trouxe o universo observável, agora alojado no centro de um buraco negro do universo morto.

Palavras-chave: teoria do universo morto; morte térmica cósmica; fim do universo; cenário do big freeze; destino final do universo; buracos negros massivos; matéria escura de axion; teoria da partícula uno; universo escuro frio; dominância da matéria escura; cosmologia entrópica; futuro das estruturas cósmicas.

ABSTRACT

This article explores the theory of the 'dead universe' as a new interpretation for the origin and evolution of the universe, suggesting that our cosmos may have originated from the remnants of a previous universe that was dead in its origin. Moreover, it posits a vastly larger universe that was already dead, not in the sense of stellar death, but in its primordial nature of the absence of light. Meanwhile, in a state of chaos, light, which was not a standard in this universe, revealed itself as a cosmic anomaly, resulting in the observable universe that is now housed at the center of a black hole of the dead universe.

⁹ Bacharel em Teologia – Unifil. MBA em Liderança e Administração, especialista em Blockchain, Doctor of Divinity e Bacharel em Teologia Reformada. Autor de "The Dead Universe Theory: Natural Separation of Galaxies Driven by the Remnants of a Supermassive Dead Universe," publicado na Natural Science (16, 65-101). DOI: 10.4236/ns.2024.166006. Também é autor de "Astrophysics of Shadows: The Dead Universe Theory — An Alternative Perspective on the Genesis of the Universe," published in the Global Journal. Além disso, é autor de diversos livros, sendo suas últimas obras Teoria do Universo Morto, O Comboio e Os Lobos do Comboio.

¹⁰ Coordenador da Faculdade de teologia da Unifil, Londrina, PR

Keywords: dead universe theory, cosmic heat death, universe's end, big freeze scenario, universe's ultimate fate, massive black holes, axion dark matter, uno particle theory, cold dark universe, dark matter dominance, entropic cosmology, future of cosmic structures.

1 INTRODUÇÃO

Por mais de um século, a teoria do Big Bang foi considerada um modelo válido pela ciência. No entanto, várias lacunas históricas não foram superadas, e novas dúvidas surgem à medida que a teoria é disseminada em ambientes acadêmicos e educacionais ao redor do mundo. O fato de ser amplamente aceita não implica que seja inquestionavelmente verdadeira, nem que o universo tenha se originado exatamente como proposto por ela.

Além disso, uma teoria científica deve ser apoiada por evidências empíricas que a favoreçam. As evidências que antes reforçavam o Big Bang agora também podem apoiar novas teorias, como a teoria do “universo morto” discutida neste artigo. A teoria do Big Bang é inegavelmente um modelo bem aceito, mas o modelo cosmológico da teoria do universo morto pode provar ser inevitável. A validade desta nova teoria pode ser demonstrada mais claramente por meio de avanços tecnológicos e cálculos matemáticos na área da computação quântica do que meramente pelo trabalho de astrofísicos buscando precisão para corroborar a teoria.

Antes de Edwin Hubble consolidar sua marca no estudo do cosmos, Alexander Friedmann e Georges Lemaître já haviam estabelecido a base teórica que desafiaria as concepções predominantes do universo. Em 1922, Friedmann, um matemático russo, foi pioneiro na aplicação das equações da teoria da relatividade para prever um universo em expansão, uma ideia inicialmente recebida com ceticismo. Paralelamente, em 1927, o padre e astrônomo belga Georges Lemaître propôs independentemente um modelo semelhante que incluía a noção de um “átomo primordial” — o precursor teórico do que mais tarde seria conhecido como o Big Bang.

No cenário preparado por essas mentes visionárias, Edwin Hubble surgiu como uma figura transformadora. Ao longo de sua carreira, dedicou-se ao estudo do desvio para o vermelho das galáxias, fenômeno que ele mesmo destacou por meio de observações meticulosas. Em 1929, Hubble publicou seus resultados estabelecendo

uma relação direta entre o desvio para o vermelho e o brilho aparente das galáxias, corroborando e expandindo as teorias de Friedmann e Lemaître.

Esta descoberta, conhecida como Lei de Hubble, transcendeu modelos teóricos existentes e transformou o conceito de expansão do universo de uma mera abstração matemática em uma realidade empiricamente verificável. Com esta contribuição, Hubble não apenas reforçou o trabalho de seus predecessores, mas também inaugurou uma nova era na cosmologia, onde a ideia de um universo dinâmico e em expansão se tornou um pilar central na compreensão moderna do espaço e do tempo.

Hawking (1988) postulou que as observações de Hubble sugeriram que houve um momento, chamado Big Bang, quando o universo era infinitesimalmente pequeno e infinitamente denso. Sob tais condições, todas as leis da ciência, e portanto toda a capacidade de prever o futuro, falhariam. Se houvesse eventos anteriores a este momento, eles não poderiam afetar o que acontece no presente. Sua existência poderia ser ignorada porque não teria consequências observacionais. Pode-se dizer que o tempo começou no Big Bang, no sentido de que tempos anteriores simplesmente não teriam uma definição [1]. Hawking, S. (1988). Uma Breve História do Tempo.

28

2 AS HIPÓTESES DA TEORIA DO UNIVERSO MORTO

As hipóteses do "Universo Morto" sugerem um modelo cosmológico alternativo. Ela explora a origem e a evolução do nosso universo a partir do caos de outro universo preexistente. Esse universo anterior seria composto por elementos exóticos e hipotéticos das sombras. De acordo com essa teoria, esse "universo morto" seria bilhões de vezes maior que o nosso universo observável. Ele seria formado principalmente por matéria escura, energia escura e partículas hipotéticas como axions e UNO (Uma Nova Ordem de partículas invisíveis).

No início do livro de Gênesis, encontramos uma descrição fundamental da criação do universo que oferece uma perspectiva interessante sobre a origem da luz em relação à escuridão:

Gênesis 1:2-3: "A terra era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas. Disse Deus: Haja luz; e houve luz." [8].

Este relato bíblico sugere que, antes da criação da luz, o universo estava imerso em trevas e Caos, mas existia. A luz foi uma introdução divina, um rompimento do estado primordial de escuridão que dominava a criação.

A conexão com a Teoria do Universo Morto é evidente: tanto na teologia quanto na ciência, a luz emerge como uma anomalia em um cosmos originalmente escuro e caótico. Na perspectiva do Universo Morto, a luz e a atividade energética que observamos hoje (como nas estrelas e no Sol) podem ser vistas como interrupções em um universo que, em sua essência, é inerte e sombrio. Esse paradigma cosmológico propõe que, assim como no relato de Gênesis, a luz não é uma constante, mas uma exceção — um fenômeno temporário e anômalo em um universo que, por natureza, é escuro.

Portanto, ao analisar tanto o relato bíblico quanto a teoria científica, vemos um tema comum: a luz, seja como criação divina ou como resultado de fusões cósmicas em um universo morto, emerge das trevas e da escuridão, sugerindo que a escuridão precede a luz em ambos os contextos.

Duas hipóteses são avançadas dentro da estrutura da teoria do “universo morto”. Inicialmente, o termo “morto” é redefinido, transcendendo a noção tradicional de extinção estelar, para denotar um universo cuja característica fundamental desde seu início é a ausência intrínseca de luz. Neste modelo, a luz é considerada uma anomalia cósmica que surge de eventos de fusão e colisão entre corpos supermassivos dentro da extensão de um universo primordialmente escuro. Além disso, esta teoria afirma que buracos negros e fusões não são os criadores do universo em que residimos.

A primeira hipótese postula que fenômenos como buracos negros supermassivos, energia escura e matéria escura constituem os componentes elementares deste universo primordial. Curiosamente, a luz aparece sob circunstâncias específicas, possivelmente como um subproduto de interações gravitacionais complexas, agindo como um catalisador para a transição para um cosmos iluminado semelhante ao que observamos hoje.

A segunda hipótese propõe que um universo ancestral, vastamente maior do que o cosmos atualmente conhecido, serve como o relicário final para a morte que devastou todas as galáxias e extinguiu a luz de um universo outrora vibrante. Este universo predecessor poderia fornecer evidências cruciais de processos cosmológicos que culminaram no atual estado observável do universo.

O Universo Morto, em sua natureza, pode ser composto à base de partículas de Axion e possivelmente da partícula UNO proposta no artigo (Almeida, 2024). Esta perspectiva propõe uma ruptura inevitável com a teoria convencional do Big Bang, particularmente no que diz respeito à matéria escura, à expansão do universo e à interpretação de fenômenos como as ondas gravitacionais."

Após o colapso desse vasto cosmos, sem luz e em caos, a matéria e a luz emergiram das trevas como anomalias cósmicas. Essas anomalias compõem a realidade primitiva desse universo morto, caracterizado por buracos negros. Em suas origens remotas, esse universo existe em uma vasta escuridão onde a inatividade prevalece. No entanto, ele ainda influencia fenômenos como o afastamento das galáxias, sob as leis do universo morto.

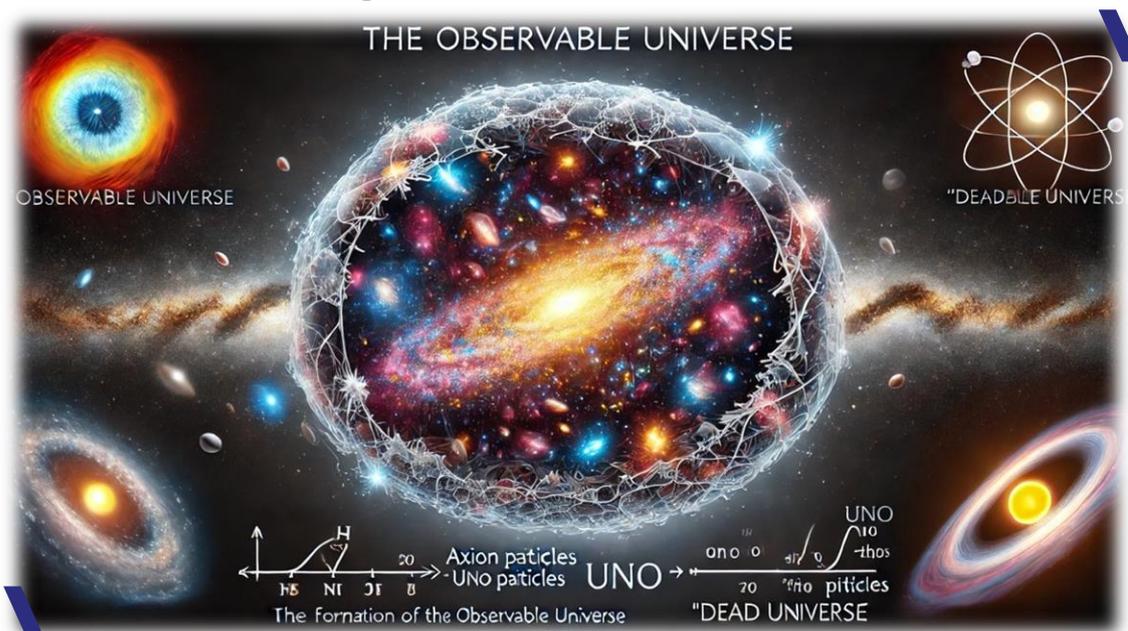
Dentro desse abismo cósmico, ocorreram fusões complexas e altamente improváveis. Essas fusões envolvem interações entre axions, partículas UNO e outros componentes exóticos. Nasceram de condições extremas e de uma convergência raríssima de energias. Elas resultaram em pequenas rupturas na estrutura do universo morto, dando origem a fenômenos luminosos e à matéria que conhecemos.

Essas rupturas, embora anômalas e limitadas em alcance, foram poderosas o suficiente para criar bolhas de existência. O nosso universo observável é uma dessas bolhas, encapsulado dentro de um buraco negro desse universo morto.

Essas fusões não são simples eventos, mas processos intrincados que desafiam as leis convencionais da física. Elas ocorrem em um cenário onde o colapso do espaço-tempo permite que partículas exóticas se fundam de maneiras que normalmente seriam impossíveis. A luz e a matéria resultantes são vistas como subprodutos dessas fusões cósmicas anômalas. Elas representam exceções em um universo predominantemente escuro e estagnado. Em essência, essas fusões atuam como mecanismos de ressurgimento dentro de um sistema morto, onde a vida e a luz são apenas breves lampejos em um vasto mar de escuridão.

Teorias como o Antiuniverso, Multiversos, Universo como Processador de Informações, Big Rip, Big Freeze, a Teoria da Expansão do Universo segundo Hubble, e até mesmo a Teoria da Relatividade Geral de Albert Einstein dependem do modelo do Big Bang para se sustentarem. O Big Bang tem sido a base dessas teorias por muitos anos, fornecendo um alicerce teórico essencial.

Figura 1 - O Universo observável



31

Créditos de imagem: Global Journals. <https://globaljournals.org/>

As imagens neste artigo foram geradas usando tecnologia de computação, projetadas para representar visualmente conceitos astrofísicos complexos. Cada visualização é criada por meio de algoritmos precisos para refletir as complexidades de teorias do "Universo Morto", utilizando parâmetros específicos baseados em dados científicos e modelos teóricos para garantir a representação mais precisa possível dentro do contexto teórico apresentado

Por outro lado, a Teoria do Universo Morto oferece um modelo cosmológico alternativo que não depende do Big Bang como sua fundação. Ela propõe que nosso universo atual é apenas uma pequena parte dos restos de um universo preexistente, bilhões de vezes maior que o universo observável. Esse universo morto era composto principalmente por uma massa fria de elementos exóticos, como axions, matéria escura, energia escura e partículas UNO. A Teoria do Universo Morto desafia as noções tradicionais e nos obriga a reconsiderar as origens do cosmos sob uma nova perspectiva.

"A população de áxions frios é produzida no processo de relaxamento do campo de áxions, geralmente chamado de realinhamento de vácuo. O ponto-chave é que, quando a massa do áxion se torna maior do que a idade inversa do universo naquele momento, o campo do áxion não está inicialmente no mínimo de seu potencial efetivo. Ele começa a oscilar então e, como o áxion é muito fracamente acoplado, essas oscilações não se dissipam em outras formas de energia. A densidade de energia nas oscilações do campo de áxions relíquia é uma forma de matéria escura fria (Ipser e Sikivie, 1983). De fato, entre todos os candidatos amplamente considerados à matéria escura, os áxions são os mais frios." — Sikivie, Pierre. [1]

3 FUNDAMENTOS PARA UMA ASTROFÍSICA DAS SOMBRAS E AS ORIGENS DO UNIVERSO MORTO

No livro de Jó, o mais antigo das escrituras hebraicas, há passagens que sugerem que Deus está envolvido ou presente nas trevas, na escuridão, simbolizando Sua majestade incompreensível e poder. Um dos versículos mais relevantes é Jó 12:22 "Ele revela coisas profundas das trevas e traz à luz a sombra mortal." [8] Este versículo sugere que Deus habita nas profundezas e revela o que está oculto nas trevas. A ideia de Deus habitando na escuridão também aparece em outros livros da Bíblia, como em Deuteronômio 4:11 e 1 Reis 8:12, onde é mencionado que Deus está envolto em nuvens e escuridão, simbolizando Seu mistério e inacessibilidade. [8]

Êxodo 20:21 descreve a experiência de Moisés ao se aproximar de Deus no Monte Sinai, onde o Senhor se manifestou em uma densa escuridão. "Assim, o povo ficou de longe, e Moisés se chegou à escuridão espessa, onde Deus estava." [8] A escuridão neste versículo simboliza a morada e o mistério divinos, destacando a inacessibilidade e o poder transcendente de Deus, que muitas vezes se revela em contextos de escuridão, refletindo Sua natureza incompreensível e a separação entre o sagrado e o profano.

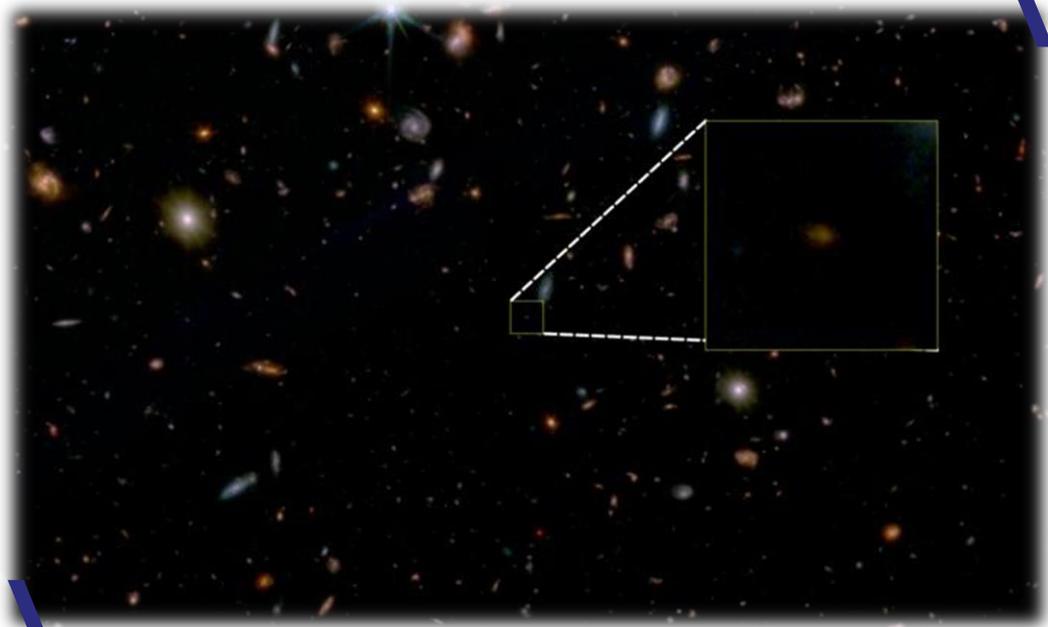
Por outro lado, a teoria do Universo Morto nos direciona aos experimentos por simulações com maior rigor, especialmente no que tange à nova geração de astrofísicos que estão trabalhando com o apoio da computação quântica. Como modelo proposto, a teoria do Universo Morto se revela adequada e capaz de se

estabelecer solidamente sobre as evidências e observações. Esses avanços tecnológicos possibilitam simulações e modelos que revelam novas perspectivas sobre a formação e evolução do universo.

Diferentemente de outras teorias que enfrentam dificuldades em conciliar conceitos quânticos e relativísticos, a Teoria do Universo Morto não apenas se alinha com a relatividade geral e a mecânica quântica, mas também as fortalece. Ela oferece uma nova visão sobre a expansão do universo e a natureza das galáxias, proporcionando uma explicação mais abrangente e coesa para os fenômenos como ponto frio do universo, que as teorias tradicionais não podem explicar completamente.

Recentes observações pelo Telescópio Espacial James Webb de galáxias que estão "mortas" fornecem evidências empíricas de uma escalada de morte estelar no passado do cosmos, isso que podem apoiar a teoria de que em breve poderemos descobrir um universo muito maior do que o observável nas profundezas das trevas. Uma hipótese secundária desta teoria postula que nosso universo é intrinsecamente morto e que a luz é uma anomalia cósmica originada de fusões cataclísmicas que deram origem ao universo luminoso e vivente como o conhecemos hoje.

Figura 2 - Galáxia "morta"



Créditos de imagem: Colaboração JADES-Licença: Domínio público

Astrônomos descobrem a galáxia "morta" mais antiga já observada Imagem: JWST em cores falsas de uma pequena fração do campo GOODS Sul, destacando JADES-GS-z7-01-QU, um tipo de galáxia extremamente raro.

Este modelo cosmológico revolucionário não apenas redefine nossas concepções das origens do universo, mas também altera nossa compreensão do processo natural de separação de galáxias. Ele sugere que essa separação ocorre de acordo com as leis de Hubble, descrevendo uma "separação natural de galáxias pela influência das leis físicas" do Universo Morto em vez de uma expansão agressiva que resulta na desintegração da matéria e no eventual "fim" do universo, como proposto pela teoria da expansão universal.

A morte do universo e seu retorno ao caos e à escuridão primitiva são conceitos discutidos tanto na astronomia quanto na astrofísica, e encontram paralelos nas tradições religiosas. Antes do surgimento do tempo, a condição natural do cosmos era caracterizada pela escuridão, pelas sombras e pelos mistérios insondáveis. Esse estado primordial é sugerido em diversas passagens bíblicas, como na tentativa do rei Salomão de expressar a presença de Deus nas trevas.

Salomão, ao construir o Templo, menciona em 2 Crônicas 6:1: "Então falou Salomão: O Senhor disse que habitaria nas trevas." Esta declaração enfatiza a ideia de que Deus, em sua transcendência, está associado à escuridão, um símbolo de mistério e poder.

34

Além disso, o Salmo 18:11 reforça essa conexão ao afirmar: "Ele fez das trevas o seu esconderijo; em volta dele estava a escuridão das águas, as espessas nuvens do céu." Aqui, as trevas não são apenas ausência de luz, mas um elemento ativo no entorno de Deus, simbolizando a sua inacessibilidade e grandeza.

Por fim, em 1 Reis 8:12, Salomão novamente destaca: "Então, disse Salomão: O Senhor disse que habitaria nas trevas." Essas referências bíblicas apontam para uma visão de que a escuridão, longe de ser meramente negativa, é também um espaço habitado pelo divino e pelo sagrado, uma ideia que ressoa com a compreensão moderna do universo como um lugar onde a luz e a escuridão coexistem em um equilíbrio cósmico.

Essas passagens bíblicas dialogam com teorias contemporâneas sobre o universo, sugerindo que o estado primordial do cosmos — caracterizado por escuridão e caos — é tanto uma realidade científica quanto uma percepção religiosa.

4 PARTÍCULAS UNO E AXION

Origem: Os axions são partículas hipotéticas propostas originalmente para resolver o problema de violação da simetria CP na física de partículas, especificamente no contexto da interação forte.

Propriedades: Axions são partículas neutras, de baixa massa e fraco acoplamento com a matéria comum e os campos eletromagnéticos. Eles são considerados candidatos à matéria escura fria devido à sua capacidade de interagir apenas muito fracamente com outras partículas e campos.

Implicações Cosmológicas: Como matéria escura, os axions não absorvem, emitem ou refletem luz, tornando-os invisíveis e detectáveis principalmente por seus efeitos gravitacionais.

5 PARTÍCULA UNO (NOVA ORDEM DE PARTÍCULAS INVISÍVEIS)

Conceito: Para este cenário, assumiremos que a partícula UNO é uma nova forma de “neutrino” com propriedades oscilatórias universais, potencialmente capaz de transmutar entre diferentes tipos de massa e energia.

Propriedades: Sugerimos que a partícula UNO tenha a capacidade de oscilar entre diferentes estados de energia, o que poderia permitir a conversão de energia escura em matéria comum ou radiação sob certas condições.

Papel no Universo: A UNO poderia ser um catalisador para a conversão de formas de energia no início do universo, influenciando a formação das primeiras galáxias e estrelas e talvez atuando como uma ponte entre a matéria escura e a matéria visível.

6 INTERAÇÃO ENTRE AXION E UNO

A hipótese central seria que no início do universo, partículas de massa de Axion, formando um campo de matéria escura, começaram a interagir com as partículas UNO. Esta interação poderia envolver a transferência de energia dos Axions para as partículas UNO, resultando em oscilações que convertem essa energia em

radiação eletromagnética – luz. Esta luz poderia ser a base para o universo observável que conhecemos.

O universo morto é descrito como um espaço completamente escuro, composto por partículas de Axion, partículas UNO e matéria escura. Além disso, há a presença de estrelas de radiação escura, nebulosas sombrias e planetas imersos na escuridão e no caos. Essas características se alinham com a hipótese inicial de um universo morto composto por elementos estelares inertes. Ao mesmo tempo, a segunda hipótese sugere que essa escuridão e caos resultam da morte estelar em uma escala massiva. Em ambos os cenários, o universo morto permanece uma estrutura vastamente desconhecida, onde a vida e a luz são exceções raras em um cosmos predominantemente apagado.

A representação na imagem baseia-se na teoria do "universo morto", uma nova interpretação sobre a origem e evolução do cosmos. Esta hipótese sugere que o nosso universo pode ter se originado dos restos de um universo anterior, e que somos apenas fragmentos remanescentes de um cosmos que entrou em um estado de morte estelar ou que, em sua natureza original, já era essencialmente morto. Dessa forma, habitamos dentro de um imenso buraco negro, enquanto inúmeros corpos supermassivos se situam nas margens desse universo morto. Possivelmente, existem buracos negros supermassivos, alguns dos quais, em uma única unidade, podem ser maiores que o universo observável.

Por trás da concepção primária do universo morto, no sentido de morte estelar, inúmeras galáxias estão inertes. A datação do Big Bang, estimada em 13,8 bilhões de anos, pode ser repensada para que compreendamos que a estrutura do universo pode ter muito mais tempo. Estudando essas galáxias mortas, da mesma forma como estudamos os fósseis dos dinossauros, e com o auxílio da tecnologia e da computação quântica, podemos chegar à conclusão de que estamos errados há mais de 100 anos. Na segunda hipótese, como proposto neste artigo, a teoria do universo morto assume outra perspectiva, enquanto o modelo do Big Bang perde totalmente sua validade como paradigma para estudar essa estrutura primitiva. Nesta hipótese, o universo morto ainda existe em partículas hipotéticas primitivas, como UNO, Axion, energia escura e matéria escura.

pequeno campo elétrico, criando oscilações no plasma, similar a sintonizar um rádio para encontrar a frequência certa da matéria escura.

7 UNIVERSO OBSERVÁVEL

O universo observável, que é apenas as últimas partículas do cosmos morto, está localizado dentro de um imenso buraco negro formado a partir da morte do universo morto que se tornou uma entidade sem luz. É possível que, ao entrar em um buraco negro, o destino do nosso universo seja uma transição para o "universo morto" — uma estrutura cósmica antiga que interage com as memórias remanescentes do cosmos, ativadas pela morte de estrelas e galáxias sob suas leis fundamentais.

Nosso universo observável, caracterizado por luzes e galáxias, pode ser visto como uma anomalia cósmica, conforme proposto na segunda hipótese da Teoria do Universo Morto. Essas anomalias resultam da interação inicial entre partículas de Axion e partículas UNO durante o nascimento do nosso universo, sugerindo que o estado luminoso em que existimos é uma exceção em um cosmos vastamente escuro e estagnado.

38

8 UNIVERSO MORTO

Ao redor do universo observável, existe o "universo morto", uma vasta região escura, estimada em um trilhão de vezes maior que o universo visível. Este universo é composto predominantemente de partículas de Axion, que formam campos de matéria escura, e partículas UNO, que são invisíveis e hipotéticas. Estrelas e planetas dentro desse universo morto são formados por matéria escura e partículas de Axion, sem emissão de radiação luminosa, tornando-o completamente opaco e sombrio. A ideia é que, ao entrar em um buraco negro, poderíamos acabar no universo morto, que é o espaço primordial de onde nosso universo observável surgiu.

9 INTERAÇÃO ENTRE AXION E UNO

A teoria sugere que, nos estágios iniciais do universo, partículas de Axion começaram a interagir com partículas UNO. Esse processo envolveu a transferência de energia das partículas de Axion para as partículas UNO, resultando em oscilações que transformaram essa energia em radiação eletromagnética — luz. Esse fenômeno deu origem ao universo observável, criando a base para a existência da radiação luminosa que conhecemos hoje.

10 PONTO FRIO

A imagem também destaca o "ponto frio" do universo observável, uma região onde a radiação cósmica de fundo é afetada pela presença do universo morto. Essa região de baixa temperatura se manifesta como uma "anomalia térmica", causada pela influência gravitacional do universo morto sobre o nosso universo visível.

39

A existência dos axions é prevista por teorias físicas para serem produzidos em ambientes extremos, como nos núcleos estelares durante eventos como supernovas. Essas partículas, ao serem emitidas pelas estrelas para o universo, poderiam interagir brevemente com campos magnéticos circundantes, convertendo-se temporariamente em fótons e potencialmente detectáveis.

“No caso específico de Betelgeuse, uma estrela gigante vermelha prestes a se tornar uma supernova, o MIT conduziu pesquisas para procurar por axions devido à sua condição de "fábrica natural" dessas partículas. Utilizando o telescópio espacial NuSTAR, os pesquisadores procuraram assinaturas de axions na forma de fótons na faixa de raios X, mas não encontraram sinais detectáveis. Esses resultados limitaram significativamente as características possíveis dos axions, estabelecendo restrições mais rigorosas sobre a sua existência e propriedades.

Figura 5 - Busca por partículas de matéria escura



Créditos de imagem: Colagem do MIT News. Imagem de Betelgeuse cortesia do ALMA (ESO/NAOJ/NRAO)/E. O’Gorman/P. Kervella

Uma busca liderada pelo MIT por áxions da estrela próxima Betelgeuse (retratada aqui) não deu em nada, estreitando significativamente a busca por partículas hipotéticas de matéria escura.

As conclusões mostram que, se os axions existirem, eles interagem muito fracamente com os fótons, dificultando sua detecção. A pesquisa sugere que futuras investigações devem explorar outras faixas de energia, como os raios gama, especialmente em eventos como supernovas.

No entanto, em 2021, os resultados dessas buscas não detectaram as assinaturas esperadas de axions na forma de fótons na faixa de raios-X. Esses resultados indicaram que axions ultraleves, que poderiam interagir com fótons em uma ampla gama de energias, foram excluídos pela pesquisa.”

Os axions, propostos como partículas hipotéticas de matéria escura, poderiam explicar a composição de 85% do universo. A teoria sugere que estrelas como Betelgeuse, em seus estágios finais, poderiam funcionar como "fábricas naturais" de axions, que, ao interagirem com campos magnéticos, poderiam se converter em fótons detectáveis.

11 PARTÍCULA HIPOTÉTICA UNO

A Partícula UNO é conceituada como a "equação zero" de todas as partículas, representando um estado primordial de ausência de massa. Nas flutuações quânticas iniciais do universo, a UNO poderia ter se manifestado como uma entidade fundamental. Essa entidade, ao se dividir ou interagir com o vácuo quântico, deu origem a todas as outras partículas, gerando a complexidade do universo que observamos hoje.

O axion, sendo uma partícula hipotética com massa próxima de zero, pode ser considerado um dos primeiros elementos a surgir no cosmos após a manifestação da UNO. Embora seja praticamente indetectável devido à sua massa extremamente leve, o axion poderia ter atuado como um multiplicador, desencadeando os processos que levaram à formação de partículas mais complexas e, eventualmente, à estruturação do universo.

Combinando esses conceitos, a UNO, por sua natureza como "equação zero" (um estado anterior ao que consideramos partículas), fornece a base sobre a qual as partículas, como o axion, se manifestaram. Dessa forma, o axion poderia ser visto como o primeiro passo tangível na evolução do cosmos, influenciando diretamente a formação da matéria e a expansão do universo, conforme os modelos contemporâneos da física de partículas.

A Partícula UNO, sendo descrita como a "equação zero" de todas as partículas, pode ser entendida como um estado primordial de simetria perfeita. Esse estado não seria exatamente "nada", mas sim uma forma de potencial infinito, contendo em si todas as possibilidades de manifestação de partículas e forças. Esse conceito pode ser relacionado com a ideia de simetria perfeita na física de partículas, onde o universo inicial era altamente simétrico, e apenas após a quebra dessa simetria é que as partículas e as forças como as conhecemos surgiram.

Para aprofundar o conceito de como a Partícula UNO se divide ou interage para criar outras partículas, podemos compará-la ao Campo de Higgs. O Campo de Higgs é conhecido por dar massa às partículas através da interação com o bóson de Higgs. De forma semelhante, a UNO poderia ser vista como um campo fundamental que, ao

Além disso, a interação entre a UNO e o axion pode fornecer insights sobre a natureza da matéria escura. O axion, sendo uma partícula leve e de interação fraca, pode ter surgido como um subproduto da quebra de simetria da UNO. Assim, enquanto o Campo de Higgs explica como as partículas convencionais adquirem massa, a UNO pode explicar a origem das partículas de matéria escura, como o axion.

Essa abordagem conecta a UNO e o axion como elementos fundamentais na criação do universo, com o axion agindo como um intermediário crucial na transição do nada absoluto para o universo repleto de matéria e energia que conhecemos.

Hoje sabemos da existência de corpos supermassivos, buracos negros compostos de massa bilhões de vezes maior que a do Sol. Parece-nos que o universo morto chama nosso universo para suas estranhas origens, além de nossos telescópios. A existência de fenômenos tão massivos e enigmáticos desafia nossa compreensão da física e sugere que as leis que governam esses objetos podem ser radicalmente diferentes daquelas que operam na física de partículas conhecida.

A teoria do "universo morto", vamos considerar a hipótese de que as leis fundamentais da física podem ter sido diferentes no início do universo. Isso poderia explicar a predominância da matéria escura e da energia escura, que são quase completamente imperceptíveis por meio de nossos métodos tradicionais de observação, mas claramente exercem uma influência massiva sobre a estrutura e expansão do universo.

43

Essas condições primitivas podem ter dado origem a uma "astrofísica das sombras", um ramo teórico que estuda corpos celestes e fenômenos que operam principalmente por meio de interações não luminosas. Isso incluiria não apenas planetas de matéria escura e estrelas escuras, mas também nebulosas e galáxias inteiras compostas dessas formas invisíveis de matéria e energia, que poderiam formar a vasta maioria do universo."

"Estrelas escuras e sua radiação indetectável: As "estrelas escuras", como mencionado, podem ser corpos celestes mortos que, ao contrário de estrelas normais que emitem luz devido à fusão nuclear, emitem formas de radiação ou interagem com matéria comum de maneiras que atualmente não podemos detectar diretamente. Essas estrelas poderiam emitir 'luz escura ou radiação escura', uma forma de energia que não é visível para nossos instrumentos atuais, mas poderia ser detectável por

meio de efeitos gravitacionais ou por novas tecnologias que capturam diferentes tipos de interações eletromagnéticas ou gravitacionais.

Leis da Gravidade Modificadas: As leis da gravidade em regiões dominadas pela matéria escura poderiam ser radicalmente diferentes. Isso poderia explicar os padrões anômalos de movimento em galáxias e aglomerados de galáxias que observamos, que não se alinham com as previsões baseadas na gravidade newtoniana ou na relatividade geral de Einstein. Teorias como gravidade modificada (MOG), gravidade quântica em loop ou teorias emergentes da gravidade poderiam oferecer melhores modelos para entender esses fenômenos.

Conexão com Cosmologia e Metafísica: A teoria do "universo morto" também abre caminho para uma nova cosmologia que é tanto uma ciência quanto uma metafísica, questionando o próprio conceito de "existência" e "realidade". A ideia de que o estado morto original do universo era de escuridão total, com luz e matéria como desenvolvimentos posteriores e secundários, desafia radicalmente nossas noções preconcebidas sobre o cosmos e nossa posição dentro dele.

44

Impacto na Filosofia e Religião: Finalmente, essa teoria pode ter profundas implicações filosóficas e teológicas intrigantes. Se o universo primordial fosse de escuridão total, conforme proposto no em gênesis, a luz fosse a existência de uma anomalia, isso poderia sugerir que a criação e o surgimento da luz (conforme descrito em textos religiosos) representam um ato de transformação de Deus e sua revelação para permitir a existência da vida, onde o divino não apenas cria ordem a partir do caos, mas também infunde a essência do ser — luz, calor e energia — em um cosmos que de outra forma seria um vazio escuro e sem forma.

Cosmologia Cíclica: Isso não existe, nem o conceito de multiverso, o "universo morto" pode representar apenas uma fase inicial na vida do cosmos que se reduzirá a uma morte completa. De acordo com essa visão, o universo também pode alternar entre períodos de explosão luminosa, como o Big Bang, e longos períodos de escuridão dominados pela matéria escura e energia escura no caminho para seu caixão cósmico final.

Matéria Escura como Substrato do Universo: Expandindo a noção de matéria escura como o principal constituinte do universo, poderíamos explorar a ideia de que ela atua como um substrato no qual a matéria e a energia visíveis emergem e

interagem temporariamente. Nesse sentido, a matéria escura não seria apenas uma entidade passiva, mas uma fonte ativa de potencial que define a estrutura e a dinâmica do universo em grande escala.

Energia Escura e o Afastamento das Galáxias: A energia escura e as leis da gravidade do universo morto, que são responsáveis pela aceleração do afastamento das galáxias, já que não há expansão do universo, podem ser vistas como um mecanismo pelo qual o universo se prepara para uma transição de volta ao estado de "universo morto". Em vez de ser meramente uma força repulsiva, a energia escura poderia ser interpretada como um indicador de que o universo está se degenerando em sua mumificação total."

A pesquisa recente de Dmitry Levkov remodelou nossa compreensão do cosmos, introduzindo a noção de "estrelas de matéria escura", ou "estrelas de áxions", como também são conhecidas, que se comportam como átomos colossais. Este conceito inovador oferece um paralelo impressionante à teoria do "universo morto". É hipotetizado que essas estrelas de áxions estão espalhadas pelo universo morto, potencialmente explicando a misteriosa matéria escura que não emite luz. Ao contrário de suposições anteriores que consideravam grande parte do espaço "vazio", esta nova percepção sugere que o universo é predominantemente composto de energia escura e matéria escura, com a energia escura constituindo cerca de 70% do universo, a matéria escura cerca de 25% e a matéria bariônica comum apenas 5%. Juntos, esses elementos formam a base do chamado universo morto que permeia o universo observável. [5]

45

Neste discurso científico, a teoria do "universo morto" é reforçada por evidências empíricas de pesquisas sobre estrelas áxions, apresentando um forte argumento para um cosmos moldado principalmente por matéria escura e energia escura, em vez de serem meros elementos residuais. Esta narrativa ressalta a evolução da nossa compreensão dos constituintes mais fundamentais do cosmos, unindo a física teórica avançada com questões metafísicas sobre a existência e a realidade. [4]

O trabalho de Dmitry Levkov, físico da Rússia destacou que estrelas áxions podem se formar em uma taxa mais rápida do que se pensava anteriormente, dependendo da massa do áxion. Essas descobertas sugerem que tais estrelas podem

estar se formando dentro da vida útil do universo e podem influenciar significativamente a estrutura da matéria escura, sendo potencialmente detectáveis por meio de suas interações gravitacionais ou decaimento de fótons, o que pode levar a explosões de rádio observáveis. [5]

A descoberta de que estrelas áxions podem se transformar em condensados de Bose-Einstein sob condições extremas — onde todos os áxions ocupam o mesmo estado quântico, comportando-se essencialmente como uma partícula enorme — aprofunda profundamente nossa compreensão da estrutura fundamental do cosmos. Tais estados foram observados em condições de laboratório na Terra, onde átomos são resfriados a quase zero absoluto, apresentando uma fase crítica na qual a matéria exibe características superfluidas, fluindo perfeitamente sem atrito.

Além disso, as leis gravitacionais atualizadas propostas por pesquisadores russos se alinham com a visão da teoria do "universo morto" sobre os comportamentos gravitacionais únicos em áreas sobrecarregadas por matéria escura. Essas novas teorias gravitacionais, incluindo gravidade modificada (MOG), gravidade quântica em loop ou teorias da gravidade emergente, fornecem uma estrutura para compreender os movimentos não convencionais observados em galáxias e aglomerados de galáxias, movimentos que transcendem as explicações oferecidas pela gravidade newtoniana ou pela relatividade geral de Einstein.

Estrelas áxions, conforme teorizadas, podem servir como um elemento crucial deste universo escuro. Essas estrelas diferem das estrelas convencionais, pois não emitem luz de processos de fusão nuclear. Em vez disso, acredita-se que emitam "radiação escura" ou "luz escura", tipos de energia que são invisíveis com a instrumentação atual, mas que podem ser detectados por meio de efeitos gravitacionais indiretos ou técnicas de detecção inovadoras que exploram várias interações eletromagnéticas ou gravitacionais.

Finalmente, a teoria do "universo morto" propõe um cosmos dominado pela matéria escura e energia escura — componentes como áxions que interagem minimamente com a matéria visível ou luz. Nesta estrutura, o universo é imaginado como uma imensa extensão escura, onde formas tradicionais de luz e matéria são vistas como exceções, não a regra.

Jamie Farnes, um astrofísico da Universidade de Oxford, introduziu uma teoria inovadora que sugere uma unificação da matéria escura e energia escura sob um único conceito conhecido como "fluido escuro", que exhibe propriedades de gravidade negativa. Esta teoria revolucionária propõe que as forças conhecidas por manter as galáxias coesas (matéria escura) e por impulsionar a expansão acelerada do universo (energia escura) são, na verdade, manifestações do mesmo fenômeno físico. [6] [4]

De acordo com Farnes, este fluido escuro constitui cerca de 95% do universo e opera através de um mecanismo incomum de gravidade negativa, onde objetos com massa negativa se comportam de forma contraintuitiva: em vez de repelir, eles atraem quando empurrados. Isso contrasta fortemente com as leis tradicionais da gravidade, que descrevem a atração entre massas positivas.

O modelo teórico de Farnes explora a hipótese de que, sob condições extremas, essas massas negativas poderiam se agrupar para formar estrelas de áxions, ou estrelas de matéria escura, capazes de formar condensados de Bose-Einstein. Nesse estado, os áxions ocupariam o mesmo estado quântico, comportando-se como uma única partícula gigantesca. Esse fenômeno é análogo ao observado em laboratórios terrestres, onde átomos resfriados a temperaturas próximas ao zero absoluto formam um superfluido que flui sem atrito. [6] [4]

47

No modelo de Farnes, a interação entre massas negativas e positivas cria um "halo cósmico" dinâmico ao redor das galáxias, permitindo que elas mantenham sua integridade estrutural mesmo enquanto giram em altas velocidades. Essa força repulsiva gerada pelo fluido de massa negativa, à medida que se aproxima de uma galáxia, aumenta a força atrativa da galáxia, criando um equilíbrio delicado que mantém o tecido cósmico unido e em constante expansão.

Esta abordagem inovadora alinha-se com a teoria do "universo morto", sugerindo que o cosmos original é predominantemente composto de uma substância escura cuja natureza fundamental estamos apenas começando a entender. Ambas as teorias expandem significativamente nossa estrutura teórica sobre a matéria escura e a energia escura, propondo um universo onde a maioria de sua constituição não é apenas invisível, mas funcionalmente inversa às expectativas da física tradicional.

A premissa de que, nas origens do universo, a luz não estava presente; ela foi criada posteriormente. Seja de acordo com a crença dos criacionistas, que sugerem

que o universo estava envolto em escuridão e que Deus disse "haja luz", ou da perspectiva científica desses eventos primordiais, é inegável que a escuridão precedeu a luz.

Elementos primitivos: embora buracos negros, matéria escura e energia escura sejam conceitos bem estabelecidos na cosmologia moderna, eles são geralmente considerados fenômenos emergentes e não necessariamente componentes primordiais do universo. No entanto, a teoria do universo morto fornece uma explicação plausível para suas origens, apresentando-as como elementos fundamentais de um cosmos anteriormente inerte. Embora a matéria escura e a energia escura sejam áreas de intensa pesquisa e debate, com suas origens ainda indefinidas por consenso, esta teoria apresenta uma das primeiras abordagens racionais tentando elucidar esses fenômenos enigmáticos. [4]

Expansão da compreensão cósmica: essas ideias desafiam nossa imaginação em relação ao universo e fornecem terreno fértil para discussões teóricas e narrativas especulativas. Embora permaneçam distantes do consenso científico atual, essas considerações teóricas buscam expandir nossa compreensão dos possíveis estados do universo e das forças fundamentais que governam sua evolução e potencial finalidade. Assim, ao mesmo tempo em que respeitam as limitações do conhecimento científico endossado, essas proposições permitem a exploração especulativa com base em teorias e hipóteses alternativas. [4]

A teoria do "universo morto" implica que o cosmos que conhecemos é o rescaldo residual de uma vastidão passada, onde o conceito de nascimento estelar é revertido para morte universal. Neste cenário, os buracos negros não são os catalisadores da criação, mas sim o epitáfio de um universo que esgotou sua vitalidade. Em vez de serem singularidades generativas, esses buracos negros primordiais são os faróis gravitacionais restantes de um cosmos que não existe mais.

As galáxias e estrelas que observamos, em sua aparente juventude, são na verdade as brasas de um fogo cósmico há muito extinto.

A matéria escura e a energia escura, os elementos enigmáticos do nosso universo, podem ser interpretados como o eco tênue deste evento cataclísmico final.

[1] [4]

Salmo 97:2 - "Nuvens e escuridão estão ao redor dele; justiça e juízo são a base do seu trono." [8]

12 EXPLORAÇÃO DE GALÁXIAS MORTAS E A VALIDAÇÃO DA TEORIA DO UNIVERSO MORTO

A teoria do "Universo Morto" propõe uma visão inovadora da origem e evolução do cosmos, sugerindo que nosso universo observável pode ser um subproduto de um universo anterior, vastamente maior e primordialmente escuro. Para solidificar essa hipótese, é essencial desenvolver previsões empíricas que possam ser testadas através de observações astronômicas e experimentos. Um foco especial na observação de galáxias mortas pode fornecer as evidências necessárias para validar essa teoria.

13 ESTRELAS DE AXION: UM ALVO PROMISSOR

49

As estrelas de axion são propostas como componentes chave do universo morto. Essas partículas hipotéticas de baixa massa têm a capacidade de interagir com campos magnéticos, convertendo-se em fótons, o que torna possível sua detecção em regiões ricas em matéria escura, como galáxias anãs esferoidais. Utilizando telescópios espaciais como o Chandra e o James Webb, é possível buscar assinaturas de raios-X ou outras formas de radiação resultantes dessas interações. Essas observações podem não apenas validar a existência das estrelas de axion, mas também fornecer evidências diretas do universo morto, corroborando a teoria proposta.

14 OSCILAÇÕES ENTRE AXION E UNO: UM NOVO CAMINHO DE INVESTIGAÇÃO

A teoria do "Universo Morto" sugere que as interações entre axions e partículas UNO geram radiação eletromagnética e matéria comum. Para testar essa hipótese, as observações devem se concentrar em regiões densas em matéria escura. O

Telescópio Espacial James Webb oferece uma oportunidade única para detectar anomalias no espectro eletromagnético, especialmente nas faixas de infravermelho e raios-X, que poderiam ser indicativas dessas interações. Caso essas oscilações tenham ocorrido nos estágios iniciais do universo, suas assinaturas podem ainda ser detectáveis, fornecendo uma prova crucial para a teoria.

15 ESTRATÉGIAS OBSERVACIONAIS E EXPERIMENTAIS

Além das observações diretas, é essencial implementar estratégias experimentais robustas para testar as previsões da teoria. A detecção de ondas gravitacionais, por exemplo, pode oferecer uma validação empírica significativa. Fusões entre axions e partículas UNO poderiam gerar ondas gravitacionais com características distintas das ondas geradas por buracos negros. Utilizando detectores avançados, como o LIGO e o Virgo, pode-se buscar essas assinaturas únicas. A detecção dessas ondas seria uma confirmação poderosa da existência do universo morto.

50

Paralelamente, a exploração de galáxias mortas pode fornecer uma compreensão mais profunda da composição do universo morto. Essas galáxias, que não apresentam atividade de formação estelar, são candidatas ideais para estudos que buscam irregularidades na distribuição de matéria escura. O Observatório de Raio-X Chandra pode ser utilizado para mapear essas galáxias e identificar anomalias que não se alinham com as teorias atuais, sugerindo a presença de axions e partículas UNO.

16 SIMPLIFICAÇÃO E COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA DA TEORIA DO UNIVERSO MORTO

A teoria do "Universo Morto" foi desenvolvida para alcançar um público mais amplo, simplificando a apresentação de modelos teóricos complexos, tornando-os mais convincentes e acessíveis, sem comprometer a profundidade científica. A proposta é tornar essa teoria mais convincente do que o modelo do Big Bang. As analogias intuitivas desempenham um papel essencial nesse processo. Por exemplo,

a interação entre axions e partículas UNO pode ser comparada a ondas que se cruzam em um oceano, gerando "bolhas" de luz — as estrelas e galáxias que observamos. Essa abordagem facilita a compreensão dos conceitos, tornando a teoria mais acessível tanto ao público leigo quanto a pesquisadores de diferentes disciplinas, sem sacrificar sua integridade científica.

17 RIGOR CIENTÍFICO E DIFERENCIAÇÃO ENTRE EVIDÊNCIA E ESPECULAÇÃO

A manutenção do rigor científico nessa teoria é essencial para distinguir claramente entre hipóteses baseadas em evidências robustas e especulações. A teoria do "Universo Morto" apoia-se em dados observacionais sólidos, como as leis de Hubble, a teoria da relatividade geral, e as comprovações sobre a existência de energia escura, matéria escura e buracos negros. Além disso, a teoria utiliza experimentos da física de partículas e observações, como o "ponto frio" do universo, uma anomalia que a astrofísica tradicional ainda não explica plenamente. Ao abordar essa questão, a teoria sugere que o ponto frio pode ser influenciado por um universo morto e frio, oferecendo uma solução potencial para um problema que o modelo do Big Bang ainda não resolve satisfatoriamente.

51

A ideia de que o ponto frio seria resultado de uma colisão com outro universo dentro de uma estrutura de infinitos multiversos é questionável do ponto de vista racional. Se essa explicação fosse válida, deveríamos observar inúmeros pontos frios no universo, resultantes de múltiplas colisões. Isso nos leva a considerar seriamente a possibilidade de que fazemos parte de uma estrutura maior que já entrou em declínio e morte.

Embora a fusão de partículas UNO ainda não tenha sido observada diretamente, a base teórica para essa interação é sólida dentro da teoria do "Universo Morto". Destacar essa distinção entre evidência e especulação fortalece a credibilidade da teoria, assegurando que ela seja avaliada de acordo com seus méritos científicos.

18 CONSIDERAÇÕES FILOSÓFICAS E METAFÍSICAS

Embora existam conexões filosóficas e metafísicas na teoria do "Universo Morto", essas ideias servem apenas para enriquecer a discussão e não devem ser interpretadas como conclusões científicas. É crucial que a teoria seja avaliada com base em seus méritos científicos, mantendo uma separação clara entre ciência e filosofia. As analogias com conceitos religiosos, como a escuridão primordial mencionada no Gênesis, podem ser úteis para ilustrar ideias, mas devem ser compreendidas como interpretações filosóficas e não como evidências empíricas.

19 COMPARAÇÃO COM O BIG BANG E RESPOSTA A CRÍTICAS

A teoria do "Universo Morto" oferece uma alternativa ao modelo do Big Bang, sendo essencial comparar as previsões de ambas as teorias de forma detalhada. Por exemplo, enquanto o Big Bang prevê uma radiação cósmica de fundo uniforme, a teoria do "Universo Morto" sugere variações associadas à interação de axions e partículas UNO. Essas diferenças mostram como a teoria do "Universo Morto" pode fornecer explicações mais robustas para fenômenos como a matéria escura e a energia escura.

A ideia de um universo morto encapsulando o universo observável pode gerar ceticismo nesse momento do nascimento dessa nova teoria. No entanto, à medida que novos dados científicos surgirem, especialmente relacionados a galáxias mortas e estruturas mais antigas e inativas, essa hipótese poderá se tornar uma realidade mais palpável. A teoria oferece um contra-argumento eficaz ao mostrar como essas ideias se alinham com anomalias observacionais que o modelo do Big Bang não consegue explicar satisfatoriamente, como o "ponto frio" no fundo cósmico de micro-ondas.

20 O FOCO EM ESTRUTURAS GALÁCTICAS INATIVAS E DETECTORES DE PARTÍCULAS UNO

Estudos focados em galáxias mortas, onde não há atividade de formação estelar, podem fornecer pistas valiosas sobre o universo morto. A ausência de atividade nessas galáxias pode indicar que elas são remanescentes de um universo anterior. A utilização de telescópios avançados para mapear essas estruturas e buscar sinais que corroborem essa hipótese é uma direção promissora para futuras pesquisas.

O desenvolvimento de detectores capazes de identificar as interações entre axions e partículas UNO é outro passo crucial para a validação da teoria. Esses detectores, baseados em princípios de física quântica, como a interferometria de partículas leves, podem abrir novos caminhos para a detecção dessas partículas. Um projeto colaborativo com laboratórios de física de partículas poderia fornecer evidências empíricas diretas para a teoria, alavancando o futuro da tecnologia de computação quântica e telescópios avançados.

53

CONCLUSÃO

A "Astrofísica das Sombras" revela que, embora o universo observável seja iluminado por estrelas e galáxias, a verdadeira essência do cosmos está na escuridão. Matéria escura e energia escura, componentes fundamentais ainda misteriosos, constituem a maior parte do universo, influenciando profundamente sua dinâmica. Este estudo nos obriga a repensar nossas definições de presença e ausência, luz e sombra. Enquanto avanços tecnológicos, como a astrofísica computacional e observações de telescópios de nova geração, como o James Webb, continuam a desvendar segredos escondidos nas sombras cósmicas, estamos apenas no início de uma jornada que promete redefinir nossa compreensão do cosmos e nosso lugar nele. A pesquisa futura deve se concentrar em desvendar as interações entre a matéria escura e a energia escura com a matéria visível, na esperança de que esses conhecimentos possam iluminar ainda mais os mistérios profundos que habitam nas sombras do universo.

REFERÊNCIAS

1. HAWKING, Stephen. **The Theory of Everything**: The Origin and Fate of the Universe. [S.l.]: New Millennium Press, 2002. Disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/449573.The_Theory_of_Everything. Acesso em: 23 set. 2024.
2. RANDALL, Lisa. **Dark Matter and the Dinosaurs**: The Astounding Interconnectedness of the Universe. São Paulo: Ecco Press, 2015. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/24805680-dark-matter-and-the-dinosaurs>. Acesso em: 23 set. 2024.
3. PERLOV, Delia; VILENKIN, Alex. **Cosmology for the Curious**. Berlim: Springer, 2017. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/34639255-cosmology-for-the-curious>. Acesso em: 23 set. 2024.
4. ALMEIDA, J. The “Dead Universe” Theory: Natural Separation of Galaxies Driven by the Remnants of a Supermassive Dead Universe. **Natural Science**, 16, 65-101, 2024. Doi: 10.4236/ns.2024.166006. Disponível em: <https://www.scirp.org/journal/paperinformation?paperid=133761>. Acesso em: 23 set. 2024.
5. LEVKOV, D. **Axion-like dark matter and bose stars**. 2024. Disponível em: https://indico.quarks.ru/event/2024/contributions/875/attachments/786/974/talk_levko_v.pdf. Acesso em: 23 set. 2024.
6. FARNES, Jamie. A unifying theory of dark energy and dark matter: Negative masses and matter creation within a modified Λ CDM framework. **A&A**, v. 620, A92, dec. 2018. Doi: <https://doi.org/10.1051/0004-6361/201832898>.
8. BÍBLIA. Tradução Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

A LUTA PELA VIDA NO CONTEXTO DO SETEMBRO AMARELO¹¹

Silas Barbosa Dias

RESUMO

Este artigo explora a prevenção do suicídio no contexto da campanha Setembro Amarelo, uma iniciativa nacional de conscientização que visa reduzir os índices alarmantes de suicídios, especialmente entre os jovens. O artigo aborda fatores de risco, sinais de alerta e estratégias de intervenção para prevenir o suicídio, destacando o impacto do estigma na saúde mental. A partir de dados epidemiológicos, estudos de caso e revisões de literatura, busca-se oferecer uma compreensão abrangente sobre as formas de prevenir o suicídio, promover a espiritualidade e valorizar a vida.

Palavras-chave: prevenção do suicídio; setembro amarelo; saúde mental; ideação suicida; estigma; espiritualidade; teoterapia; fé cristã.

ABSTRACT

This article explores suicide prevention within the framework of the Yellow September campaign, a national awareness initiative aimed at reducing the alarming suicide rates, particularly among young people. It addresses risk factors, warning signs, and intervention strategies to prevent suicide, highlighting the impact of stigma on mental health. By analyzing educational efforts and the role of public awareness in saving lives, the article delves into epidemiological data, case studies, and literature reviews to offer a comprehensive understanding of suicide prevention, spirituality, and the promotion of life.

Keywords: suicide prevention; yellow september; mental health; suicidal ideation; stigma; spirituality; teotherapy; christian faith.

INTRODUÇÃO

Precisamos celebrar a vida, em meio ao caos no qual vivemos em nosso tempo. Edgar Morin afirmou terapeuticamente que tudo que não regenera, degenera. Há um desafio no ar – uma calamidade corrente que chega ao nível de calamidade. Nossa resposta precisa ser celebrar a vida em tempo de morte e violência contra o ser

¹¹ Dr. Silas Barbosa Dias, PhD. É doutor pelo Free University Amsterdam. Mestre pela Universidade de Genebra (Suíça). Docente nas graduações de teologia, psicologia e psicanálise na UniFil, desde 2001. Secretário de Educação Teológica e Continuada da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Autor do livro “Progredir é Renovar Atitudes”, Editora Vida & Caminho, 2024.

humano. Estou de acordo com a afirmação de Albert Camus, de que vivemos num tempo no qual que as pessoas não amam mais a vida. Pessoas tem desde a pandemia dos últimos anos não mais se importado com notícias de morte. Morte virou estatística. Temos uma juventude que perdeu a esperança pela vida. Fato é que apenas um amor apaixonado pela vida do mundo pode romper com a inércia e desespero de nossos corações e o cinismo de nossos espíritos. (Moltmann, 2008, p.35).

“Quando uma pessoa pensa em suicídio, ela quer matar a dor, mas nunca a vida.” (Augusto Cury)

O suicídio é uma das principais causas de morte em todo o mundo, com cerca de 800 mil pessoas tirando suas próprias vidas anualmente, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). Este número, além de alarmante, aponta para um problema de saúde pública global que requer intervenção urgente e multifacetada. A complexidade do comportamento suicida, que envolve fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais, exige uma abordagem integrada para sua prevenção.

56

No Brasil, os números são especialmente preocupantes. De acordo com o Ministério da Saúde, o suicídio é a terceira causa principal de morte entre jovens de 15 a 29 anos. Uma taxa crescente de suicídios em faixa etária destaca a necessidade de ações efetivas e de campanhas que promovam a conscientização sobre o tema. Foi nesse contexto que, em 2015, surgiu o *Setembro Amarelo*, uma campanha nacional de prevenção ao suicídio que busca romper tabus e oferecer apoio àqueles que estão em sofrimento mental.

1 O SUICÍDIO NO CONTEXTO ATUAL

O suicídio, embora trágico, não é um fenômeno novo. Entretanto, nas últimas décadas, tem se tornado um problema cada vez mais evidente, principalmente entre os jovens. Em países como Brasil e outros, as taxas de suicídio entre homens jovens têm crescido de forma alarmante, desafiando tantos profissionais da saúde quanto formuladores de políticas públicas a encontrar soluções eficazes.

A mídia irlandesa está fascinada com a alta incidência de suicídio entre jovens do sexo masculino no país e ansiosa para oferecer sugestões sobre como esse

problema deve ser mais bem abordado. Em um artigo de 2014 coincidindo com o Dia Mundial de Prevenção do Suicídio, Arlene Harris, do *Irish Times*, sugeriu que:

A sociedade percebeu que, para alcançar e ajudar as pessoas que estão à beira do abismo, o tema precisa ser discutido abertamente, e aqueles que estão sofrendo precisam saber que não há vergonha em sentir desespero.¹ (op.cit. Beattie, 2015).

O governo sul-coreano está tão preocupado com a prevalência de conteúdo da Internet que promove e incentiva o suicídio que cem pessoas estão empregadas lá para monitorar a Internet em busca desse material. O Google gerou cerca de 19 milhões de resultados usando a palavra 'suicídio' em novembro de 2014.

Portanto, o suicídio é claramente um tópico de enorme preocupação e interesse público. A questão é: por quê? Embora possa ser difícil para aqueles que perderam um amigo ou parente por suicídio entender, ainda é um evento relativamente raro. Na maioria dos países desenvolvidos, o número de mortes por suicídio é quase comparável ao número de mortes no trânsito. Embora haja um interesse significativo em reduzir a mortalidade por acidentes de trânsito, o público não está tão febrilmente dominado pelo tópico. (Beattie, 2015).

57

2 A SITUAÇÃO NO BRASIL

No Brasil, o suicídio é a terceira principal causa de morte entre jovens de 15 a 19 anos, segundo o último boletim epidemiológico do Ministério da Saúde, e os números continuam a crescer. Um estudo do Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde da Fiocruz Bahia (Cidacs) revelou que, entre 2011 e 2022, a taxa de suicídios entre pessoas de 10 a 24 anos aumentou, em média, 6,14% ao ano, superando a média de 3,7% da população em geral.

Além disso, um levantamento do Ministério da Saúde indicou que, entre 2016 e 2021, o índice de suicídios entre jovens de 15 a 19 anos teve um salto de 49,3%. Esses dados alarmantes evidenciam a necessidade de falarmos sobre o tema e, principalmente, de conseguirmos identificar sinais de alerta de instabilidade psíquica para buscar ajuda profissional.

Esses dados são preocupantes e apontam para a necessidade de campanhas como o Setembro Amarelo, que buscam alertar a população sobre os sinais de ideação suicida e a importância de intervenções precoces.

A campanha Setembro Amarelo promove uma série de ações educativas e de conscientização para todo o país. Locais públicos e particulares são iluminados com cor amarela, simbolizando a luz que pode salvar vidas. Além disso, são oferecidas informações fornecidas sobre onde buscar ajuda, como os serviços oferecidos pelo Centro de Valorização da Vida (CVV), que presta apoio emocional 24 horas por dia.

3 FATORES DE RISCO E SINAIS DE ALERTA

A prevenção do suicídio começa com a identificação dos fatores de risco e sinais de alerta. Esses fatores variam de indivíduo para indivíduo, mas existem algumas características comuns que podem indicar a presença de ideação suicida.

Os fatores de risco mais comumente associados a suicídio, transtornos mentais, abuso de substâncias, doenças crônicas, tentativas prévias de suicídio e histórico familiar de suicídio. A depressão, em particular, tem sido apontada como um dos principais preditores de comportamento suicida. Indivíduos com depressão severa podem sentir uma profunda desesperança, acreditar que seus problemas são insolúveis e que suas vidas não têm valor.

Outros fatores incluem:

- **Doenças mentais:** Depressão, transtorno bipolar, esquizofrenia e transtornos de personalidade.
- **Uso de álcool e drogas:** O uso abusivo de substâncias está frequentemente relacionado ao comportamento suicida, especialmente em jovens.
- **Fatores sociodemográficos:** Sexo (homens são mais propensos a cometer suicídio), idade (jovens e idosos são grupos vulneráveis), e estado civil (solteiros, divorciados e viúvos taxas têm mais altas de suicídio).
- **Eventos traumáticos:** Acontecimentos adversos, como abuso na infância, perdas graves e bullying, podem aumentar o risco de suicídio.

3.1 Sinais de Alerta

Reconhecer os sinais de alerta de uma pessoa em risco de suicídio é crucial para a prevenção. Alterações no comportamento e no estado emocional podem ser indicativos de que algo está errado. Entre os sinais mais comuns estão:

- Mudanças drásticas nos padrões de sono e alimentação.
- Isolamento social e distanciamento de amigos e familiares.
- Aumento do consumo de álcool ou drogas.
- Falta de interesse em atividades que antes eram prazerosas.
- Descuido com aparência pessoal e higiene.
- Falar ou postar nas redes sociais sobre sentimentos de desesperança, fracasso ou desejo de morrer.

Identificar esses sinais e agir rapidamente pode ser uma diferença entre a vida e a morte. Muitas vezes, as pessoas que pensam em suicídio não oferecem ajuda de maneira clara, mas suas ações e comportamentos refletem o sofrimento que estão vivenciando.

59

4 ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO

A prevenção do suicídio envolve uma abordagem multifacetada, que inclui ações individuais, sociais e institucionais. Uma das principais estratégias é criar um ambiente de apoio e acolhimento, onde as pessoas em sofrimento possam expressar os seus sentimentos sem medo de julgamento.

4.1 Apoio Emocional e Intervenção Precoce

Uma das maneiras mais eficazes de prevenir o suicídio é oferecer apoio emocional e garantir que uma pessoa em risco tenha acesso a cuidados adequados. A escuta ativa e a empatia são fundamentais para quem está passando por uma crise emocional. Dizer coisas como “Você não está sozinho, estou aqui para você” pode ser extremamente importante para alguém que sente que a vida não tem mais sentido.

Além disso, encorajar uma pessoa a procurar ajuda profissional é um passo importante. Profissionais de saúde mental podem fornecer o suporte necessário para que o indivíduo encontre formas saudáveis de lidar com sua dor.

4.2 Educação e Conscientização

A educação da população sobre saúde mental é um componente essencial de prevenção. Campanhas como o Setembro Amarelo desempenham um papel vital ao romper o tabu que cerca o tema do suicídio. Ao falar abertamente sobre saúde mental e suicídio, essas campanhas ajudam a desmistificar o tema e encorajam aqueles que estão sofrendo a buscar ajuda.

A sensibilização nas escolas, no ambiente de trabalho e nas comunidades é igualmente importante. Ensinar jovens, professores e postos a identificar os sinais de alerta podem salvar vidas. Além disso, é essencial que todos saibam onde procurar ajuda, seja por meio de linhas de apoio como o CVV ou serviços de saúde mental disponíveis no sistema público.

60

5 AS VOZES DAS CIÊNCIAS HUMANAS

O suicídio pode ser visto de várias perspectivas, além da sociológica e filosófica.

O pai da psicanálise, Sigmund Freud, acreditava que o suicídio era o resultado de um instinto de assassinato voltado para dentro, mas a visão dos profissionais de saúde mental de que é predominantemente causado por doenças mentais tem sido uma visão teórica muito mais duradoura. Carl Jung destacou a relação entre o suicídio e o esvaziamento dos símbolos arquetípicos, sugerindo que, quando o indivíduo não alcança a inteireza através do processo de individuação — que envolve a integração de suas sombras — ele acaba sendo dominado por essas forças inconscientes. Sem esse encontro profundo consigo mesmo, a pessoa se vê à mercê de um vazio interior, resultante da falta de significado e da incapacidade de reconciliar suas partes conflitantes, o que pode levar ao desespero extremo.

É relevante o conceito introduzido por Zygmunt Bauman. Uma sociedade caracterizada pela fluidez e incerteza das relações sociais, onde tudo é temporário e mutável. Ele escreveu também sobre a moral que foi se tornando líquida. Nesse contexto, perdemos a fluidez da vida, como significado em esperança. Por isso, os seres humanos vão se diluindo, adaptando-se às demandas do mercado da vida, onde o humano é roubado de si mesmo.

Um segundo conceito vem da filosofia. O filósofo coreano, radicado na Alemanha, Byung-Chu Han, descreve a sociedade do cansaço, numa era marcada pelo excesso de positividade e auto exploração, onde o desempenho constante leva ao esgotamento físico, mental e espiritual. Ele analisa como como essa pressão por desempenho afeta a vida das pessoas em todos os âmbitos da vida, gerando um ambiente de exaustão e falta de esperança.

O ser humano precisa encontrar o endereço de si mesmo. Num terceiro conceito, desde a psicanálise, quem nos alerta é Charles Melman. "*O Homem sem Gravidade: prazer a qualquer preço*" (*L'Homme sans gravité: Jouir à tout prix; editado pela Editora Companhia de Freud, 2008*).

61

Melman discute as transformações culturais e sociais que afetam a psique humana na contemporaneidade. O "homem sem gravidade" refere-se a um sujeito que perdeu a conexão com as referências simbólicas tradicionais que, historicamente, davam sentido à existência humana, como a religião, a autoridade paterna, a tradição, e até mesmo o sentido de comunidade. Essas referências simbólicas funcionavam como uma "gravidade" psíquica, dando peso, estabilidade e estrutura à vida dos indivíduos. Melman argumenta que em nosso tempo, o declínio dessas referências simbólicas e a ascensão de uma cultura do consumo, da satisfação imediata e da busca incessante pelo prazer, têm gerado um tipo de pessoa que se caracteriza por um vazio interno, uma falta de sentido e uma fragilidade psíquica. Esse sujeito está constantemente à deriva, sem âncoras simbólicas para guiá-lo, o que o torna vulnerável a ansiedades e angústias profundas.

Uma das teses centrais de Melman é que o "homem sem gravidade" está numa busca incessante por satisfação que muitas vezes é insaciável e autodestrutiva. Trata-se de uma compulsão que pode levar ao esgotamento, à alienação e à perda de contato com a realidade. A sociedade contemporânea, segundo Melman, incentiva

essa busca desenfreada pelo prazer, promovendo a ideia de que a felicidade e o sucesso estão diretamente ligados ao consumo, à performance e à constante busca por novas experiências. Melman aponta que essa condição de "sem gravidade" tem sérias consequências psíquicas e sociais. No nível individual, há um aumento de sintomas como depressão, ansiedade e desordens de personalidade, uma vez que o sujeito perde a capacidade de encontrar satisfação nas relações interpessoais e no trabalho, que antes serviam como fontes de sentido e realização.

6 TEOTERAPIA: ESPIRITUALIDADE E A CELEBRAÇÃO DA VIDA

A espiritualidade e a fé são forças poderosas, que atuam diretamente sobre os processos cognitivo-emotivos da vida humana. Elas não apenas moldam a forma como o indivíduo lida com a realidade, mas influenciam profundamente sua saúde mental e emocional. Quando olhamos para o suicídio, essa tragédia humana extrema, percebemos que ele, muitas vezes, está enraizado em distúrbios que afetam a cognição e as emoções. Nesse sentido, Harold Ellens nos ajuda a entender que as dinâmicas saudáveis de teologia e fé desempenham um papel crucial tanto para o terapeuta quanto para o paciente, ao abordar distúrbios psicossociais e cognitivo-emotivos. (Ellens, 2006.)

62

O suicídio é, muitas vezes, o resultado de um esvaziamento existencial, onde o indivíduo perde o sentido da vida e sucumbe a um desespero profundo. Jung já apontava que a falta de integração das sombras e o colapso de símbolos arquetípicos na psique podem levar ao desequilíbrio e ao caos interior. Nesse contexto, a espiritualidade emerge como um recurso vital, pois oferece um caminho para restaurar o sentido, a esperança e a conexão com uma realidade maior.

Ellens, nos alerta para o fato de que a teologia e a fé, quando saudáveis, podem ser instrumentos de cura não apenas em distúrbios de origem emocional, mas até mesmo em situações em que há componentes biológicos envolvidos. Mesmo em casos de desequilíbrios químicos no corpo, como aqueles que afetam o sistema endócrino, ele destaca que a espiritualidade pode ajudar a regular e controlar os impactos psicológicos desses distúrbios. Em outras palavras, uma espiritualidade

madura e uma teologia coerente têm o poder de reorientar a mente e o coração, trazendo equilíbrio mesmo em meio à tempestade interior.

Quando falamos de suicídio, estamos lidando com uma situação em que a desconexão profunda do indivíduo com seu próprio valor, com o significado da vida e com a esperança do futuro, torna-se insuportável. O pastor e o terapeuta, nesse cenário, encontram um campo fértil para aplicar essas verdades espirituais e teológicas. A espiritualidade saudável, com seu poder de oferecer significado, reconciliação e esperança, pode ser um fator determinante na prevenção do suicídio e na restauração da saúde mental.

Ellens nos lembra também da conexão bidirecional entre o corpo e a mente, evidenciada pela função do hipotálamo em regular tanto o psicológico quanto o fisiológico. Isso indica que até mesmo em distúrbios enraizados em fatores biológicos, a teologia e a espiritualidade têm um papel essencial, ajudando a manejar os sintomas e oferecendo suporte para uma visão mais ampla da vida e do sofrimento.

Portanto, no contexto do suicídio, as preocupações com a maturidade espiritual, os compromissos de fé e a teologia sadia não são apenas questões religiosas ou filosóficas. Elas se tornam questões terapêuticas vitais, que podem fazer a diferença entre a vida e a morte. A espiritualidade oferece ao indivíduo uma âncora em meio ao caos, um sentido para o sofrimento e uma esperança para o futuro. Quando a alma está devastada pela dor e o corpo é abalado por desequilíbrios químicos, a fé pode ser o remédio que conduz à restauração.

63

A tarefa pastoral e terapêutica, então, envolve a capacidade de guiar o indivíduo para um reencontro consigo mesmo, com Deus e com o sentido maior de sua existência. Nessa jornada, a espiritualidade saudável não apenas oferece consolo, mas também restaura a capacidade de viver, de lutar e de encontrar propósito, mesmo diante das sombras mais profundas da alma.

CONCLUSÃO

Por fim, embora o suicídio seja uma questão complexa que envolve uma teia de fatores interligados — biológicos, psicológicos, sociais, culturais e espirituais —, uma verdade permanece: ele pode ser prevenido. A prevenção é uma tarefa árdua,

que exige esforço e dedicação, mas quando está em jogo a vida humana, nenhum esforço é pequeno ou em vão. O Setembro Amarelo nos lembra que, mesmo em meio às maiores adversidades, há sempre uma chama de esperança que pode iluminar os caminhos mais sombrios. Cada um de nós é chamado a ser portador dessa luz, superando a indiferença e a desatenção, vencendo a apatia e o desânimo que muitas vezes nos impedem de agir. Devemos nos mover com amor, compaixão e generosidade, enfrentando com coragem as crueldades do mundo que desvalorizam a arte de viver. A verdadeira resistência não é apenas um ato de sobrevivência, mas de esperança — uma esperança que afirma a dignidade de cada vida e o poder da solidariedade humana em reverter até os destinos mais trágicos. Há esperança!

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. *Suicídio: Informando para Prevenir*. Brasília: CFM, 2014.
- BEATTIE, Derek.** *Suicide: A Modern Obsession*. 1. ed. Dublin: Liberties Press, 2015.
- BERTOLETE, J.M. *O Suicídio e sua Prevenção*. São Paulo: Unesp, 2013.
- CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA. *Suicídio: Saber Agir e Prevenir*. São Paulo: CVV, [201?]
- CVV – CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA. *Falando abertamente sobre suicídio*.
- ELLENS, J. Harold.** *Science, Religion, and Health: The Interface of Psychology and Theology/Spirituality*. Westport: Praeger, 2006.
- MELMAN, Charles.** *O homem sem gravidade: prazer a qualquer preço*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Companhia de Freud, 2008.
- MORIN, Edgar.** *Meus demônios*. Tradução de Leneide Duarte. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MOLTMANN, Jürgen. *Vida, Esperança e Justiça*, Editeo: São Bernado do Campo, 2008.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Prevenção do Suicídio: Um Manual para Profissionais de Saúde*. Genebra: OMS, 2000.

OUTUBRO ROSA

Silas Barbosa Dias

O Outubro Rosa é uma campanha anual realizada no mês de outubro, cujo objetivo é conscientizar sobre a importância da prevenção e do diagnóstico precoce do câncer de mama, uma das doenças que mais afetam mulheres em todo o mundo. Criada na década de 1990, essa iniciativa ganhou força e visibilidade globalmente, com a participação de organizações de saúde, ONGs, governos e empresas.

Objetivos do Outubro Rosa

O principal objetivo da campanha é sensibilizar a população, especialmente as mulheres, sobre a necessidade de realizar exames de rotina, como o **autoexame das mamas**, **mamografia** e consultas médicas regulares. O diagnóstico precoce aumenta significativamente as chances de sucesso no tratamento. O movimento também busca combater o medo e o estigma em torno do câncer de mama, promovendo discussões abertas e esclarecimentos sobre a doença.

65

Ações durante o Outubro Rosa

Durante o mês, muitas ações são realizadas para promover essa conscientização. Algumas delas incluem:

- **Iluminação de prédios públicos e monumentos** com a cor rosa, simbolizando o apoio à causa.
- **Palestras e workshops** sobre prevenção, tratamento e superação do câncer de mama.
- **Campanhas de doação** para instituições que apoiam pacientes com câncer.
- **Divulgação de informações** sobre os sintomas da doença, os fatores de risco e as formas de prevenção nas mídias sociais, televisão, rádios e jornais.

Importância da Mamografia

A mamografia é o principal exame recomendado para detectar alterações nas mamas, sendo capaz de identificar tumores antes que eles sejam palpáveis. No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) oferece o exame gratuitamente para mulheres entre 50 e 69 anos, faixa etária em que o risco de desenvolvimento da doença é maior.

Apoio à saúde emocional

Além da questão física, o Outubro Rosa também destaca a importância do suporte emocional às pacientes e suas famílias. A luta contra o câncer pode ser desafiadora, e o apoio psicológico é fundamental para ajudar as pessoas a enfrentarem o diagnóstico e o tratamento.

O símbolo do laço rosa

O laço rosa é o símbolo mais conhecido da campanha, representando solidariedade e conscientização sobre o câncer de mama. O uso do laço começou nos Estados Unidos, na década de 1990, e se espalhou pelo mundo, tornando-se um ícone de mobilização e apoio.

Em suma, o Outubro Rosa é um movimento de grande relevância para a saúde feminina, incentivando a prevenção e a detecção precoce do câncer de mama, além de fortalecer a rede de apoio para aquelas que enfrentam a doença.



PASTORAL

O PROPÓSITO DIVINO DA MULHER

Bianca Toledo

RESUMO

O presente artigo apresenta um estudo acerca da mulher bíblica e o propósito divino de sua criação. Pois entre a narrativa feminista das últimas décadas e a mentalidade machista estabelecida há séculos existe um propósito equilibrado e igualitário vindo de Deus. Este artigo explora o papel da mulher na Bíblia, abordando sua representação e participação em diferentes contextos e narrativas. Através de uma análise teológica e histórica, examinamos a presença e o papel das mulheres no Antigo e Novo Testamento, assim como nos dias de hoje destacando sua contribuição para a compreensão da fé e da prática religiosa. A Bíblia é um texto sagrado que tem sido interpretado e reinterpretado ao longo da história. A representação e o papel da mulher na Bíblia são temas que têm gerado debates e discussões entre teólogos, historiadores e feministas. Este artigo busca explorar o papel da mulher na Bíblia, considerando sua participação em diferentes contextos e narrativas.

68

Palavras-chave: mulher bíblica; propósito divino – mulher.

1 INTRODUÇÃO

O propósito da mulher na família é nitidamente claro quando observamos suas funções e habilidades. Na medida em que a mulher moderna se cobra um destaque profissional cada vez mais repensa sua ausência em casa causada por desconhecer o equilíbrio necessário entre os papéis que a mulher executa de forma sistêmica tanto em casa quanto na sociedade. Agora vamos ampliar essa reflexão ao pensar na liderança ministerial da mulher. A liderança feminina normalmente é questionada quando o ambiente é eclesiástico. Mas atualmente essa opinião tem se dividido, visto que é um tema relevante e atual na teologia cristã, especialmente em relação à participação das mulheres em posições de liderança na igreja. A Bíblia, como texto sagrado, oferece exemplos e ensinamentos que podem iluminar essa discussão. Este artigo busca explorar a liderança feminina na Bíblia, considerando as narrativas e ensinamentos que abordam a presença e o papel das mulheres em posições de

liderança. No Novo Testamento, encontramos exemplos de liderança feminina no ministério de Jesus e na igreja primitiva. Maria Madalena é destacada como apóstola dos apóstolos, tendo sido a primeira a testemunhar a ressurreição de Jesus (João 20:1-18). Além disso, as mulheres desempenharam um papel importante no ministério de Jesus, como é visto em Lucas 8:1-3.

Na igreja primitiva, as mulheres continuaram a desempenhar um papel importante em posições de liderança. Em 1 Coríntios 11:2-16, Paulo reconhece o papel das mulheres como profetisas e líderes na igreja de Corinto. Além disso, em Tiago 2:1-7, encontramos uma referência à mulher como profetisa na igreja de Tiago.

A análise do papel da mulher na Bíblia revela uma riqueza e complexidade de representações e participações. As mulheres desempenharam papéis importantes em diferentes contextos e narrativas, contribuindo para a compreensão da fé e da prática religiosa. Este artigo destaca a importância de considerar o papel da mulher na Bíblia para uma compreensão mais ampla e inclusiva da fé cristã.

2 AUXILIADORA FIEL

O conceito de auxiliar, no contexto bíblico, é frequentemente associado ao papel da mulher. Em Gênesis 2:18, Deus cria a mulher como um "auxiliar" para o homem, o que tem sido interpretado de diversas maneiras ao longo da história.

Em perspectivas tradicionais:

- A mulher como auxiliar subordinada: Nessa visão, a mulher é vista como subordinada ao homem, com um papel secundário e de apoio.
- A mulher como auxiliar igual: Outra perspectiva entende a mulher como um auxiliar igual, com um papel complementar e de parceria com o homem.

Análise bíblica:

- O termo "auxiliar" (ezer, em hebraico) é usado em outros contextos bíblicos para descrever Deus como auxiliar de Israel. A conexão entre a palavra "auxiliadora" e o nome "Eliezer" no texto bíblico original em hebraico é interessante.

A palavra "auxiliadora" em Gênesis 2:18 é traduzida do hebraico "ezer" (עָזַר), que significa "ajuda", "auxílio" ou "socorro".

Já o nome "Eliezer" (אֱלִיעֶזֶר) é composto por duas palavras hebraicas: "El" (אֵל), que significa "Deus", e "ezer" (עָזַר), a mesma palavra usada em Gênesis 2:18 para "auxiliadora". Portanto, o nome "Eliezer" pode ser traduzido como "Meu Deus é auxiliador" ou "Deus é minha ajuda". Essa conexão sugere que o nome "Eliezer" reflete a ideia de que Deus é o auxiliador ou ajudante, um conceito que está relacionado à ideia de "auxiliadora" em Gênesis 2:18. Além disso, é interessante notar que Eliezer é o nome de um servo de Abraão em Gênesis 15:2, que desempenha um papel importante na história de Abraão e Isaac.

Essa conexão entre a palavra "auxiliadora" e o nome "Eliezer" destaca a importância da ideia de auxílio e ajuda em todo o texto bíblico.

- A criação da mulher é apresentada como uma solução para a solidão do homem, indicando uma parceria igualitária.

- Exemplos bíblicos de mulheres que desempenharam papéis de liderança e autoridade, como Débora, Ester e Maria Madalena, desafiam a visão tradicional de subordinação.

70

Implicações teológicas:

- A igualdade de gênero: A visão de auxiliar igual sugere que homens e mulheres são iguais perante Deus e devem trabalhar juntos como parceiros.

- O papel da mulher na igreja: A interpretação do chamado bíblico de auxiliar tem implicações para o papel da mulher na igreja, incluindo questões de liderança e autoridade.

- Sim, com base na análise da palavra "ezer" (auxiliadora) e sua conexão com o nome "Eliezer" (Meu Deus é auxiliador), podemos afirmar que a mulher tem um papel importante de socorrer, completar e apoiar o propósito do homem.

- A ideia de "auxiliadora" sugere que a mulher foi criada para ser uma parceira valiosa e essencial para o homem, ajudando-o a cumprir seu propósito e destino. Isso não significa que a mulher seja subordinada ao homem, mas sim que ela tem um papel complementar e igualitário.

A Bíblia apresenta vários exemplos de mulheres que desempenharam papéis importantes ao lado de homens, como:

- Eva, que foi criada para ser uma parceira para Adão (Gênesis 2:18)
- Débora, que liderou o povo de Israel ao lado de Baraque (Juízes 4-5)
- Ester, que salvou o povo judeu ao lado de Mardoqueu (Ester 1-10)

Esses exemplos mostram que a mulher tem um papel vital de socorrer, completar e apoiar o propósito do homem, e que essa parceria é essencial para o cumprimento do propósito de Deus.

É importante notar, no entanto, que isso não significa que a mulher seja limitada a um papel secundário ou subordinado. Pelo contrário, a Bíblia apresenta uma visão de igualdade e parceria entre homens e mulheres, onde ambos têm papéis importantes e valiosos a desempenhar.

No Antigo Testamento, as mulheres desempenharam papéis importantes em diferentes contextos. Elas foram líderes, profetisas, esposas, mães e filhas. Débora, juíza e profetisa, é um exemplo marcante de liderança feminina (Juízes 4-5). Outras figuras importantes incluem Ester, rainha da Pérsia, e Rut, ancestral de Jesus.

No Novo Testamento, as mulheres continuaram a desempenhar papéis importantes. Maria, mãe de Jesus, é uma figura central na narrativa do Evangelho (Lucas 1-2). Outras mulheres notáveis incluem Maria Madalena, apóstola dos apóstolos, e Priscila, líder da igreja em Corinto.

2 INFLUÊNCIA DE IMPACTO NA SOCIEDADE E NA IGREJA

A formação do cristianismo foi um processo complexo que envolveu a interação de várias forças culturais, sociais e religiosas. Nesse processo, a exclusão das mulheres da liderança eclesiástica foi um fenômeno que se desenvolveu gradualmente. No início da igreja, as mulheres desempenhavam papéis importantes de liderança, como apóstolas, profetisas e diaconisas. No entanto, à medida que a igreja se institucionalizava, as mulheres foram sendo marginalizadas e excluídas de posições de poder e autoridade. E a intenção deste artigo não é desconstruir a autoridade masculina em nenhum ambiente de atuação e nem mesmo contrariar o

propósito claro de Deus na liderança do homem em sua família e sociedade. Apenas lidar de forma bíblica com os papéis de liderança da mulher em harmonia com todas os seus demais papéis funcionais, como o exemplo da mulher virtuosa de provérbios.

A ideia de que as mulheres são inferiores aos homens e não têm a capacidade de liderar se tornou uma crença dominante na igreja por muitos séculos.

A formação do cristianismo também foi influenciada pelo contexto cultural e social do Império Romano, onde as mulheres tinham poucos direitos e eram consideradas cidadãs de segunda classe. Essa cultura patriarcal se refletiu na igreja, onde as mulheres foram excluídas da liderança eclesiástica. A exclusão das mulheres da liderança eclesiástica teve consequências profundas para a formação do cristianismo a meu ver. A perda da perspectiva feminina e da liderança das mulheres enfraqueceu a igreja e limitou sua capacidade de ser uma comunidade inclusiva e igualitária.

Aqui estão alguns exemplos bíblicos de mulheres que desempenharam papéis importantes de liderança na igreja primitiva e minha sugestão é reler os textos bíblicos considerando de forma antropológica as influências de interpretação impostas de forma preconceituosa pela construção greco romana de nosso senso de análise bíblico:

1. Maria Madalena: Considerada a "apóstola dos apóstolos" (João 20:1-18), Maria Madalena foi a primeira pessoa a testemunhar a ressurreição de Jesus e a anunciar a boa notícia aos discípulos. Sua influência jamais desonrou a liderança masculina da época.

2. Priscila: Priscila e seu marido Áquila são mencionados como cooperadores de Paulo (Romanos 16:3-5) e como líderes da igreja em Éfeso (Atos 18:26).

3. Febe: Febe é descrita como "diaconisa da igreja em Cencreia" (Romanos 16:1-2) e como uma líder que ajudou Paulo em suas viagens missionárias.

4. Débora: Débora é mencionada como uma profetisa e líder de Israel (Juízes 4-5), que liderou o povo à vitória contra os cananeus. Seu esposo era honrado na cidade.

5. Ana: Ana é descrita como uma profetisa que servia no Templo de Jerusalém e que reconheceu Jesus como o Messias (Lucas 2:36-38).

6. Junia: Junia é mencionada como uma "apóstola" (Romanos 16:7) e como uma líder que foi presa e perseguida por sua fé.

Esses exemplos mostram que as mulheres desempenharam papéis importantes de liderança na igreja primitiva, incluindo apóstolas, profetisas e diaconisas.

CONCLUSÃO

O conceito de auxiliar, no contexto bíblico, é complexo e multifacetado. Enquanto algumas perspectivas tradicionais enfatizam a subordinação da mulher, uma análise mais profunda da Bíblia sugere uma parceria igualitária entre homens e mulheres.

É importante notar que apesar da mulher ser extremamente necessário no lar, isso não significa que a mulher seja limitada a um papel secundário ou subordinado. Pelo contrário, a Bíblia apresenta uma visão de igualdade e parceria entre homens e mulheres, onde ambos têm papéis importantes e valiosos a desempenhar.

Essa visão multiplica as funções variadas da mulher que já recebeu de Deus habilidade distinta para gerar, cuidar e educar vários filhos com características, demandas e exigências diferentes dentro de casa, mostrando o dom de gestão natural, além do serviço ao seu marido.

Por isso essa compreensão tem implicações significativas para a igualdade de gênero e o papel da mulher na sociedade e na igreja. A análise do papel da mulher na Bíblia revela uma riqueza e complexidade de representações e participações.

Assim vemos que as mulheres desempenharam papéis importantes em diferentes contextos e narrativas, contribuindo para a compreensão da fé e da prática religiosa. E neste artigo destaca a importância de considerar o papel da mulher na Bíblia para uma compreensão mais ampla, influente e inclusiva da fé cristã.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA: versão Almeida Corrigida e Fiel. Barueri: Editora SBB, 2018.

KEENER, C. S. **The IVP Bible Background Commentary: New Testament.** InterVarsity Press, 2012.

SCHÜSSLER FIORENZA, E. **In Memory of Her: A Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins.** Crossroad, 2011.





CONTRAPONTO

CONTRAPONTO

CONEXÃO DIGITAL E DESCONEXÃO ESPIRITUAL

Paulo Ricardo Diniz¹²

RESUMO

O presente artigo apresenta um estudo acerca do impacto da tecnologia moderna na espiritualidade e nas relações familiares. Analisa-se como a crescente dependência de dispositivos digitais para entretenimento e educação das crianças está substituindo funções parentais tradicionais, especialmente na transmissão de valores morais e espirituais. Faremos uma conexão entre os dilemas éticos dessa terceirização social e os efeitos da tecnologia na alienação emocional e no distanciamento espiritual de crianças e adolescentes. Realizaremos um paralelo com ensinamentos bíblicos que ressaltam a importância da educação espiritual em família, destacando o desafio contemporâneo de integrar a tecnologia de forma equilibrada, preservando a convivência familiar e a orientação espiritual.

Palavras-chave: tecnologia; espiritualidade; relações familiares; distanciamento espiritual; educação moral; alienação emocional.

ABSTRACT

This article presents a study on the impact of modern technology on spirituality and family relationships. It analyzes how the growing dependence on digital devices for children's entertainment and education is replacing traditional parental roles, especially in the transmission of moral and spiritual values. We make a connection between the ethical dilemmas of this social outsourcing and the effects of technology on the emotional alienation and spiritual distancing of children and adolescents. We draw a parallel with biblical teachings that emphasize the importance of spiritual education within the family, highlighting the contemporary challenge of integrating technology in a balanced way, preserving family interaction and spiritual guidance.

Keywords: technology; spirituality; family relationships; spiritual distancing; moral education; emotional alienation

¹² Pesquisador na área de Novas Tecnologias Educacionais, Professor dos cursos de Administração e Tecnologias da UniFil

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o avanço tecnológico transformou profundamente a vida humana, incluindo aspectos fundamentais como a espiritualidade e as relações familiares. Muitos pais passaram a confiar em dispositivos como smartphones e tablets para entreter e até educar seus filhos, terceirizando funções que antes eram suportadas pelo convívio familiar e acompanhamento espiritual.

Essa substituição de interações familiares por tecnologia levanta questões éticas importantes. O papel dos pais na transmissão de valores espirituais, tradicionalmente cultivados em casa, está sendo transferido para algoritmos de plataformas digitais. Esse fenômeno gera uma alienação emocional e um distanciamento dos valores espirituais, afetando diretamente a formação de crianças e adolescentes. Provérbios 22:6 nos lembra: "*Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho, não se desviará dele*", ressaltando o papel da família na educação moral e espiritual.

77

2 DILEMAS DA TERCEIRIZAÇÃO SOCIAL

Embora a tecnologia traga inúmeros benefícios, como a facilidade de comunicação e o acesso à informação, ela também apresenta desafios éticos, especialmente no contexto da educação familiar e espiritual. O crescente uso da tecnologia como "babá digital" interfere na responsabilidade dos pais de guiar espiritualmente seus filhos. Em vez de transmitir valores morais e espirituais, os pais acabam permitindo que os filhos sejam influenciados por algoritmos sem orientação moral, o que pode ter consequências profundas.

Outro dilema ético envolve a alienação emocional que emerge da substituição do convívio familiar e espiritual por horas de navegação em redes sociais e consumo de conteúdo digital. Diálogos sobre a vida e a espiritualidade, essenciais para a formação de valores, são interrompidos por interações com algoritmos que priorizam a exposição a realidades alheias, mas que pouco contribuem para o desenvolvimento do caráter humano. Essa desconexão emocional entre pais e filhos resulta em uma presença física, mas com uma ausência espiritual e emocional. A espiritualidade, que

requer disciplina, tempo e reflexão, é moldada ao ritmo frenético da vida moderna, onde, muitas vezes, o culto semanal, que proporcionava momentos de introspecção e encontro com o divino, é substituído por interações digitais superficiais e de valor fugaz.

Além disso, a maioria das plataformas tecnológicas é orientada por interesses comerciais, o que gera um conflito de valores. As crianças, ao passar mais tempo conectadas, ficam expostas a influências externas que podem conflitar com os valores familiares, criando uma dependência tecnológica que compromete a autonomia espiritual e o desenvolvimento de uma reflexão crítica.

3 IMPACTO DA TECNOLOGIA NAS CRENÇAS ESPIRITUAIS

A tecnologia também influencia diretamente o desenvolvimento psicológico, particularmente em relação à formação de crenças e valores espirituais. Jovens que antes adquiririam esses valores por meio da convivência familiar e de comunidades religiosas agora enfrentam uma avalanche de informações fragmentadas nas plataformas digitais. Esse processo leva ao enfraquecimento da introspecção e à adoção de uma espiritualidade mais individualista e desconectada das tradições.

O uso excessivo de dispositivos tecnológicos afeta os padrões de atenção e dificulta o engajamento com questões existenciais mais profundas. A Bíblia nos ensina a importância da introspecção espiritual: 'Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece as minhas inquietações. Vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno' (Salmo 139:23-24). No entanto, a constante distração proporcionada pela tecnologia impede que muitas pessoas se engajem em uma espiritualidade genuína, trocando a reflexão profunda por entretenimento superficial.

A tecnologia também interfere nas dinâmicas familiares. O tempo que poderia ser dedicado a diálogos espirituais é substituído por entretenimento digital individual, criando barreiras entre pais e filhos. Essa desconexão leva a sentimentos de isolamento e ansiedade, especialmente entre as gerações mais jovens. Em vez de guiar seus filhos na busca por significado e propósito espiritual, muitos pais, sem perceber, delegam esse papel às plataformas digitais e influenciadores, permitindo

que o tempo familiar seja consumido por redes sociais. Com isso, a oportunidade de cultivar valores e promover reflexões espirituais em casa é perdida, deixando as crianças vulneráveis a influências superficiais.

Além disso, o uso prolongado da tecnologia pode enfraquecer a capacidade de empatia e compaixão. Comportamentos que outrora seriam condenados socialmente, como crimes, fraudes e enganos, são frequentemente banalizados e até mesmo normalizados nas redes sociais. Essas ações, que violam diretamente os princípios morais e espirituais, como os mandamentos de Deus, tornam-se comuns em um ambiente digital menos pessoal. A falta de interações face a face afeta a capacidade de criar conexões emocionais genuínas. Em lares onde as relações digitais prevalecem, as crianças podem encontrar dificuldades para desenvolver uma compreensão profunda de valores morais sólidos, como o mandamento de "Não te esqueças de fazer o bem e de repartir com os outros" (Hebreus 13:16), essencial para a construção de uma vida espiritual equilibrada.

Outro efeito da dependência tecnológica é o impacto no bem-estar espiritual e emocional. Muitas vezes, as pessoas recorrem à tecnologia como uma forma de fugir dos problemas e evitar o confronto com questões existenciais que, no passado, eram tratadas através de reflexões espirituais, seja de forma individual ou com o auxílio de um conselheiro espiritual. Ao fazer isso, perpetuam um ciclo de alienação espiritual, acumulando conflitos internos e buscando esquecê-los por meio de distrações tecnológicas temporárias. Assim, a prática espiritual, que deveria ser uma busca por significado e conexão com o divino, acaba sendo substituída por escapes digitais superficiais, deixando os problemas mais profundos sem o devido enfrentamento e resolução.

79

4 CONCLUSÃO

A rápida evolução tecnológica tem trazido conveniências, mas também profundas implicações éticas e espirituais, especialmente nas dinâmicas familiares. O uso excessivo da tecnologia substitui momentos de reflexão espiritual e diálogo familiar por distrações digitais ilusórias. Questões existenciais e problemas que antes eram tratados por meio de reflexões espirituais ou com o auxílio de um conselheiro

espiritual são agora frequentemente ignorados ou acumulados, agravando a alienação espiritual e emocional.

Além disso, a tecnologia enfraquece a capacidade de empatia e compaixão, enquanto normaliza comportamentos inaceitáveis, criando barreiras para o desenvolvimento de valores morais sólidos. A substituição da busca espiritual por entretenimento digital temporário dificulta a construção de uma identidade espiritual autêntica nas novas gerações.

Portanto, o grande desafio das famílias modernas é integrar a tecnologia de maneira equilibrada, sem permitir que ela substitua a convivência familiar e a orientação espiritual. A tecnologia pode ser uma ferramenta útil, mas nunca deve ocupar o lugar do desenvolvimento de uma espiritualidade profunda e de relações familiares saudáveis. Somente ao reconhecer esses desafios e buscar um equilíbrio entre o digital e o espiritual, será possível preservar e nutrir a espiritualidade em um mundo cada vez mais tecnológico.



DAY OFF

DAY OFF

Eu Só Posso Imaginar – Filme de 2018

Direção: Andrew Erwin e Jon Erwin

Título original: I can only imagine

SINOPSE

Bart Millard (J. Michael Finley) é o vocalista da banda cristã MercyMe e tem um relacionamento conturbado com seu pai, que sempre o tratou de maneira dura e nunca entendeu seu amor pela música. Conseguindo forças através de Deus, Bart resolve então eternizar sua relação em uma canção, "I Can Only Imagine".





CPEL - CONSELHO DE
PASTORES DE LONDRINA

CPEL – Conselho de Pastores de Londrina

PROPÓSITO E OBJETIVOS DO CPEL

É uma entidade de caráter associativo e religioso, interdenominacional, fundada em 1943, e que tem como propósito e objetivos principais:

- Promover a unidade e fraternidade entre seus membros.
- Promover eventos que estimulem a comunhão e edificação de seus membros.
- Firmar posição pública, em defesa dos direitos dos cidadãos e da ordem.
- Representar seus associados junto ao Poder Público.
- Prestar aos seus membros, dentro das suas possibilidades, assistência social, jurídica, teológica e ministerial.

84

DIRETORIA ATUAL

Vanderlei Frari

Presidente do CPEL e Diretor Acadêmico do ISBL

Atilio Varotto Neto

Vice-presidente do CPEL e pastor da Igreja Batista da Glória

Nivaldo Caldeira

Tesoureiro do CPEL e pastor da Igreja Comunidade da Paz

Paulo Rangel

Secretário do CPEL e pastor da Igreja Assembleia de Deus

Tarciano Bernardes

Segundo Tesoureiro do CPEL e pastor da Igreja Restauração

Vinicius Croscatto

Segundo Secretário do CPEL e pastor da Igreja Bola de Neve

CAFÉ DOS PASTORES E REUNIÃO MENSAL – ANO 2024

08 de Outubro, às 08:30

Pr. Abner Morillas

Igreja Presbiteriana Central

Rua João XXIII, 401

12 de novembro, às 08:30

Rev. Osni Ferreira

Assembleia de Deus Central

Rua São Vicente, 168 - Centro

10 de dezembro, às 08:30

Pr. Glênio Paranaguá

Igreja Restauração

Av. Aracy Soares Santos, 867 - Santiago

XXV Semana Acadêmica de Teologia - UniFil

XXV Semana de Teologia

TEMA | A Pregação em declínio: ruídos polifônicos e o discurso no púlpito

DATA | Do dia 28 a 30 de outubro

LOCAL | Online

 UniFil

XXV Semana de Teologia

LOCAL | Ao vivo pelo Google Meet

DATA E HORA | Dia 28 de outubro às 19h30

PALESTRANTES:



Dr. Carlos Alexandre - Diretor do Centro Educacional Evangélico ISBL - Londrina/PR



UniFil

XXV Semana de Teologia

LOCAL | Ao vivo pelo Google Meet

DATA E HORA | Dia 29 de outubro
às 19h30

PALESTRANTES:



| Rev Dr. Arival Dias Casimiro - Igreja
Presbiteriana de Pinheiros - SP



 UniFil



XXV Semana de Teologia

PAINEL | A Pregação em declínio: ruídos polifônicos e o discurso no púlpito

DATA | Dia 30 de outubro

PARTICIPAÇÕES:



Denise de Souza



Silvio Saruwatari



Silas Dias



Coord. Mildenberg



UniFil



UniFil
TEOLOGIA **VOCARE**

Revista de Teologia da UniFil

ISSN 2965-5021

